



Observações culturais sobre Macrembolites, *Das aventuras de Hismine e Hismínias* – notas e tradução do grego (livros 6 a 11)

Cultural Observations on Makrembolites' *The adventures of Hysmine and Hysminias* – notes and translation from Greek (Books 6 to 11)

Reina Marisol Troca Pereira¹

<http://orcid.org/0000-0001-9681-8410>

rmtpt@ubi.pt

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v10i2.50689>

RESUMO: Drama romanesco sentimental, de certa forma subversivo, reportado a E. Macrembolites no duodécimo século do Período Bizantino. Desenvolvido em 11 partes², Hismínias reconta, como se uma epopeia com contornos trágicos, o conturbado amor que o liga a Hismine, desde o início, aventuras itinerantes e retorno. Prosa em língua grega monologada simples, descritiva, repetitiva, irrompe a passividade, qual encenação, com citações e participação de um elenco evocado em discurso indireto livre. De permeio, o retomar de *topoi* de pendor religioso e sociocultural da Antiguidade Clássica, por certo do conhecimento e agrado do público, uma tônica de paganismo em contexto judaico-cristão. Após múltiplas peripécias e contacto com a barbárie etíope e helénica, ressaltam mormente o acolhimento de hóspedes e suplicantes, comportamentos varonis e femininos, afetos, servidão(-ões), religiosidade no templo, o cerimonial das Diásias, domínios divinos. Por fim, numa estrutura em círculo que conduz e justifica a preservação, o mesmo equivale a dizer imortalização da história relatada numa sequência tripartida por um narrador descrente, depois herói vitimizado até ao crente submisso erguido como conservador, enquanto escritor.

PALAVRAS-CHAVE: Período Bizantino; Romance; Drama; amor; Antiguidade Clássica

ABSTRACT: Sentimental romance drama quite subversive reported to E. Makrembolites in the twelfth century of the Byzantine period. Developed in 11 parts, Hysminias recounts his epic affairs with tragic notes. It includes the troubled love that links him to Hysmine, since the beginning, the itinerant adventures and return. The simple, descriptive, repetitive monologued Greek language prose breaks through the passivity with quotes from literature and a cast of figures evoked in free indirect speech. In between, the resumption of religious and socio-cultural *topoi* from Classical Antiquity, certainly in the knowledge and enjoyment of the public, a tone of paganism in the Judeo-Christian context. After multiple incidents and contact with Ethiopian and Hellenic barbarism, the main emphasis is on the reception of guests and supplicants, male and female behaviors, affections, servitude(s), religiosity in the temple, the rite of the Diasia, divine domains. Finally, the revelation in a circle structure that guides and justifies its preservation — that justifies the immortalization of the story told in a tripartite sequence by a narrator, then a victimized hero and a submissive believer of Eros, raised up as guardian of immortality as a writer.

KEYWORDS: Byzantine Period; Romance; Drama; love; Classical subjects

¹ Professora Doutora em Letras Clássicas pela Fordham University, Nova Iorque, Estados Unidos.

² A tradução dos livros 1 a 5 está publicada no vol. 10, n. 1 de *Codex — Revista de Estudos Clássicos* (<https://doi.org/10.25187/codex.v10i1.50689>).



Livro 6

[1.1] Então o meu pai Temisteu, com Sóstenes e as nossas mães voltaram do altar de Zeus *Xenios*, a sacrificar as ofertas. E a minha mãe Diantia, aproximada da minha poltrona, acorda-me, havendo-me dito: “Filho Hismínias, sendo altura do pequeno-almoço, tu nem sequer expulsaste o sono dos olhos? Levanta-te e vamos para a refeição! [1.2] Com efeito, o teu pai Temisteu sentou-se com Sóstenes e chama todos os outros para a refeição.”

Ora, indo com a mãe para a mesa, sentámo-nos da maneira habitual; e mais uma vez Hismine, completamente à frente, destilou-me amor com os olhos. [1.3] Então eu, olhando atentamente a rapariga e, tendo inclinado sobre a mesa, saudei-a, cumprimentando-a surreticiamente de maneira apaixonada. Ela retornou dolosamente, como era hábito, havendo inclinado o pescoço em jeito virginal.

A mesa estava cheia da maneira usual com pratos dispendiosos, e Cratístenes verte o vinho misturado. Sóstenes bebe antes, depois dele Temisteu, e nós, como de costume.³ [2.1]. E Sóstenes afirma: “Quando tu nos mostraste bondade, Temisteu, estavas a conceder a amizade não para nós, mas para Zeus *Xenios*. Que o pai Zeus retribua a brilhante mesa e outras dispendiosas refeições preparando-te uma refeição pródiga no Campo Elísio e na Ilha dos Bem-aventurados, ao estar misturado com heróis. [2.2] Eu imploro para te juntares a nós na nossa Aulícome, com Diantia e este arauto garboso” (indicando-me com a mão)⁴ “de facto, queremos fazer sacrifícios pelo casamento da minha querida filha Hismine. [2.3] As Diásias foram para nós o momento de consagração de casamentos, e agora que temos sacrificado, retornaremos a Aulícome, se aprouver a Zeus *Soter*.”

O jovem a quem o leito da minha Hismine é dedicado é um conterrâneo de Aulícome, que misturou um triplo crater transbordante de felicidade; [2.4] é incomparável nas virtudes anímicas, as relativas ao corpo rivalizam com as referentes à alma e esforçam-se para não parecerem secundárias; e as demais qualidades são derramadas juntas na alma e corpo, e são misturadas. [2.5] Tal casamento eu e Zeus antes arranjámos para a minha querida filha com esse rapaz; mas se tu navegares em conjunto para Aulícome com Hismínias e a sua mãe, considerarei o casamento ainda mais afortunado.” [2.6] O meu pai Temisteu: “Agora é a mesa de Zeus — afirma — e o tempo das

³ Cf. *Mt.* 25:4.

⁴ Apontamento didascálico.

Diásias, e vamos sacrificar as ofertas apropriadas para o tempo e a mesa; as outras coisas estão nos joelhos de Zeus⁵.”⁶

[3.1] Isso Sóstenes e o [meu] pai [disseram]. Eu, pelos deuses, perdi totalmente os sentidos e fiquei sentado à mesa como uma estátua, tendo os olhos a mirar com tensão face ao rosto da rapariga. [3.2] A donzela, havendo enchido os olhos a chorar e apreendido o carrilho direito, franziu as sobrancelhas, suspirou amargamente e refere para Pantia: “Mãe, estou com dor de cabeça.”. Ela para aquela: “Vai para o quarto.”⁷

[3.3] Então levantou-se imediatamente da mesa e foi para o quarto. A minha mãe, por conseguinte, disse a Pantia: “O que incomodou essa linda rapariga?”. Ela afirma: “A conversa do pai, que lembrou o casamento da rapariga, que até agora e aqui evitámos que a donzela soubesse, pois ela é donzela e casta.”

[4.1] Estava sem conhecimento do que aconteceu posteriormente à mesa. De facto, foi como se toda a cabeça tivesse sido arrancada por um relâmpago do raio das palavras de Sóstenes. Ora, se comi, pela voz terrível de Sóstenes, não sei. [4.2] O bom Sóstenes, anunciando-nos o casamento da filha, também falou uma vez mais: “Basta-nos de mesa, Temisteu, de abundante bebida e de comidas dispendiosas sobre a mesa. Se quiseres, vamos para o sono, porquanto a noite convoca-nos de novo ao altar e aos sacrifícios.”⁸

[5.1] Assim o simpósio chegava ao término, e eu, reclinado do meu modo habitual na poltrona de costume, encontrei os olhos a sucumbir imediatamente ao sono e estava sentado a dormir, perturbado quanto à alma pelo ouvido com incredibilidade e a mente totalmente submersa na dor.

[5.2] Então, mais uma vez, chegou a hora costumeira dos sacrifícios, e de novo o meu pai Temisteu e a mãe Diantia, com Sóstenes e Pantia, vigiam de noite o altar; e mais uma vez eu, tendo-me levantado da poltrona, vou para a poltrona da rapariga que o bom Sóstenes dera em casamento em Aulícome; e mais uma vez beijo a rapariga. [5.3] Ela espalha todo o colchão com lágrimas. Eu beijo novamente enquanto digo: “Hismine, o que tens?” Ela responde: “A observação do pai destrói-me.”

[6.1] Eu para ela: “Tu preparaste o meu casamento, e tomaste outra rapariga para mim; e tendo-te feito esquecer os muitos favores apaixonados que encheram a taça que me serviste. [6.2]

⁵ Entenda-se “nas mãos/desígnios de Zeus”.

⁶ Cf. imagética e.g. *Il.* 17.514; *Od.* 1.267, 400.

⁷ *Theoc.* 3.52.

⁸ Cf., com as devidas reservas, vigílias na liturgia cristã medieval.

Mas eu, mui doce donzela, mais doce do que mel, chamei os deuses para testemunhar que não renunciei ao teu amor nem abandonei a tua amizade nem troquei o teu amor por nada.

[6.3] Mas agora o teu pai, Sóstenes, augusto em tudo, construiu para ti em Aulícome uma câmara nupcial, reservou-te um grande dote, preparou um noivo, conduzir-te-á numa brilhante procissão nupcial e escoltará a noiva com honra. [6.4] Eu cá, o teu amador (de facto, não tenho vergonha do amor por ti) coroarei a cabeça com uma coroa de flores virginal, irei numa procissão nupcial e com riqueza, com honra para Perséfone e os⁹ no Hades, que construíram um quarto nupcial brilhante e virginal. [6.5] Tu vais ser acusada de falta de amor, condenada pelos favores eróticos e essas marcas das minhas mãos e lábios que trazes em todo o corpo. [6.6] E a Riqueza¹⁰ vai adornar-te suntuosamente, porém Plutão¹¹ vai levar-me numa escolta nupcial com magnificência.

Mas, oh, aqueles beijos que gozámos em vão! Oh, a pressão dos corpos que suportámos em vão! [6.7] Oh, os abraços e os enredos a que inutilmente cedemos! Oh, olhos que observaram com mau propósito e, portanto, lamentam melancolicamente! Esta mão auxiliou-me na paixão, e agora ajudar-me-á com a espada que enfiarei na minha alma¹².”

[7.1] Afirmei isso e, abraçado à donzela, tendo beijado, “Verdadeiramente este é o teu — dizendo — último beijo, aceita a realização das minhas saudações. Tu vais regressar à tua pátria uma noiva brilhante para o brilhante noivado e cantar-te-ão o cântico nupcial, já eu descerei ao Hades e, reunindo todo o coro de Erinias, encenarei a tragédia do meu infortúnio. [7.2] E o bom Sóstenes entoará um epitalâmio¹³ para ti, mas para mim, o pai um cântico fúnebre. O teu pai vai cantar sobre ti, doce noiva, uma doce melodia, mas o meu lamentável [pai] Temisteu irá assolar um lamento

⁹ Entenda-se “habitantes”.

¹⁰ Considerem-se πλοῦτος, “riqueza” e Πλούτων, “Plutão”. Divindade ctónica suserana do Hades, personificação da riqueza.

¹¹ Havia, na Antiguidade Clássica, ligação entre as cerimónias nupciais (γάμος) e fúnebres (κηδεία), o que dava, no caso, consistência à confusão entre o casamento e o sacrifício (e.g. E. *IA* 898. Ambas as cerimónias propõem rituais comuns, designadamente, no sacrifício preliminar; o findar de uma condição, isto é, uma morte (real no âmbito dos sacrifícios, simbólica no matrimónio); o carácter voluntário das nubentes, qual *arete* feminina, em tempo de paz; os actos preliminares (e.g. corte de cabelo, banho lustral); a mudança de espaço físico; a associação de diversos aspetos, como o altar e o túmulo, ou a entoação de hinos, exceptuando a alegria dos cânticos matrimoniais.

¹² No suicídio, ou autotanásia, nas civilizações clássicas da Antiguidade, quer no plano mitológico, quer no quotidiano social, tanto individual como coletivamente, por diversas razões, demarcam-se períodos de maior recorrência (e.g. 336–27 a.C., na cultura grega; 200–27 a.C., na época republicana tardia; 27 a.C. — 192, no início do Império). Contam-se entre ambos os sexos, por *taedium uitae* (e.g. Cecílio Cornuto, Tac. *Ann.* 4.28.2), desperata salus (e.g. C. Calpurnius Piso, Tac. *Ann.* 15.59.7), furor (e.g. Licurgo Driante, Hyg. *Fab.* 242.2), dolor (e.g. Bisáltis, Plu. 311D), deuotio (e.g. Hipónoo, Hyg. *Fab.* 2), impatientia (e.g. Albucius Silus, Suet. *Rhet.* 6), mala conscientia (e.g. Alcínoe, Parth. 27.2), exsecratio (e.g. Agátocles, Diod. 20.21.4), pudor (e.g. Ajax, Od. 11.541–567), iactatio (e.g. Empédocles, D.L. 8.74), fides (e.g. Arra Prisca, Plin. *Ep.* 3.16.12), necessitas (e.g. Bagoas, Diod. 17.5.6), condenação. Como expedientes, sendo mais honoráveis métodos pouco desfigurador do corpo, salientam-se enforcamento (e.g. Leucipe, Ach. *Tat.* 2.30.2), veneno (e.g. Aníbal, Diod. 25.19), katapontismos, armas (e.g. Lucano, *Mart.* 7.21), inedia (e.g. Cleantes, D.L. 7.176), fogo (e.g. Hércules, S. *Tr.* 1252 sq.), provocação/incitação (e.g. Periandro, D.L. 1.96), variados (e.g. Creusa, E. *Ion* 1065), desconhecidos (e.g. mãe de Periandro, Plu. 146D). Cf. suicídio de heroínas desgostosas, como Jocasta, Erigone, Fedra, Dido. Vd. HOOFF 1990.

¹³ Hino de casamento. Vd. LAUXTERMANN, 2019.

sobre o filho morto¹⁴. Um dançará uma ode matrimonial, mas o meu pai, o mais miserável de todos, cantará uma despedida lamentável e amarga.”

[8.1] Falava isso e encharcava completamente a rapariga com as lágrimas. Mas ela “Destruíste-me — disse —, mui doce Hismínias. Tu és a minha pátria, pai, mãe, quarto nupcial, noivo e senhor, devido a Eros. Mas (oh, o choro inunda a minha língua), que o que saiu da boca do pai não te devore todas as delícias apaixonadas relativas mim, as quais nós desfrutámos apaixonadamente, para nada. [8.2] Que o mel, que eu labutei para ti como uma industriosa abelha, porém em vão, não seja colhido da tua boca. Nem que a boca do meu pai seja tão devoradora, que consuma tamanhos jogos eróticos que nós jogámos em vão, ou melhor, que os Eroles jogaram em nós.

[8.3] Hismínias, tu cultivaste como um jardim com paixão, a mim, essa Hismine; coloca tu uma cerca ao redor do jardim, para que a mão do transeunte não me colha.¹⁵ Desejas morrer, mas com o propósito também coloquei a [minha] alma. Morrerei contigo, assim como ao viveres viverei contigo. [8.4] Abraço-te, retorço e compartilho toda a vida inteira contigo, assim como procuro participar da morte.” E havendo dito abraçou e, ao abraçar-me, trazia aos olhos uma fonte de lágrimas e inundou-me inteiramente.

[9.1] Eu cá “Se desejares — disse —, deixemos a minha Eurícome e a tua Aulícome por outra, e troquemos pátrias, pais, riquezas e os outros esplendores das casas pela amizade apaixonada e o viver um com o outro. [9.2] Eros será a nossa pátria, pais, o dispêndio doméstico, comida, bebida e roupas.”

Já ela, como se chamada para um quarto nupcial majestoso, tendo respondido, disse: “Tens-me, a tua Hismine, leva-me embora, morrerei contigo.” [9.3] E havendo saído da poltrona, seguiu, ou melhor, arrastava-me ao correr. Contudo, eu: “Mas ainda não — disse — estão arranjadas as coisas do assunto.” Todavia ela não queria largar as minhas mãos. [9.4] Com dificuldade, havendo chamado todos os deuses, arranquei-me das mãos de Hismine e voltei para a minha poltrona, considerando o assunto. Mas quando não conseguindo dormir pelos assuntos, tendo levantado da poltrona, e vestido de forma brilhante, dirigi-me para o templo de Zeus *Xenios*, onde o meu pai Temisteu e mãe Diantia, assim como Sóstenes e Pantia, assistiam aos sacrifícios.

[10.1] Então, depois de muitos sacrifícios que o meu pai e Sóstenes ofereceram, Sóstenes e Pantia ergueram por completo as mãos para o céu e, derramando lágrimas quentes dos olhos, “Zeus pai — disse —, este é o sacrifício nupcial <sacrificamos>¹⁶ para ti pela nossa filha Hismine, cujo casamento desejamos em breve concluir.” [10.2] Diziam isso e colocaram os sacrifícios na

¹⁴ Cf. E. *Hec.* 413.

¹⁵ Cf. *Cant.* 4.12.

¹⁶ Entenda-se “que sacrificamos”.

pira. Porém, uma enorme águia¹⁷ tendo vindo das nuvens e após o guincho, mergulhada, roubou o sacrifício e causou perturbação pelo altar.

Ora, Sóstenes estava completamente pasmo. [10.3] Pantia, havendo caído no chão, puxado a melena¹⁸ cinza e beijado a cabeça¹⁹, “Zeus pai, poupa esta minha melena cinzenta — disse —, poupa a filha muito jovem; ela é a minha exortação, ela é o meu consolo, ela é a esperança da minha família; regozijo com ela e esqueço dos males da velhice. [10.4] Afasta-me o pássaro mau presságio desta minha filha. Zeus pai, não cortes os meus olhos, não extingas a minha lamparina, não arranques o meu milho pela raiz, não cortes as mechas da minha raça inteira.

[10.5] Oh, miserável mãe que eu sou, miserável nos sacrifícios, miserável nos presságios. Abençoada, vim de Aulícome, minha pátria, e agora em Eurícome torno-me infeliz. Adornava a minha Hismine como uma virgem e agora lamento como se estivesse morta e pranteio enquanto vive. [10.6] Hismine, minha luz arrancada dos olhos; não é um epitalâmio que entoo para ti, mas um funeral; não são libações de casamento que te sirvo, mas sobre túmulos e, conforme a máxima, descubro que os tesouros são carvões.”

[11.1] Tal falava Pantia, e enchia o altar com lamentos e prantos, tendo lavrado a bochecha, espalhado a roupa, golpeado o peito com uma pedra e partido a cabeça. [11.2] A multidão perturbava-se com trenos e prantos de Pantia (de facto, não eram de carvalho nem de rocha)²⁰, e havia um grito misturado a partir de homens e mulheres. É que as mulheres lamentavam com Pantia e esborcinavam-se, ao passo que os homens estavam pasmos e golpeavam-se. [11.3] Uns insurgiam-se contra a ave de mau agouro, outros muito auspiciosa; mas havia aqueles que consideravam o assunto fortuito. Então assim a multidão era irregular e distinta quanto a fala e julgamento.

[11.4] A minha mãe Diantia com o pai Temisteu, a apoiarem Pantia, levaram para a nossa casa, e isso contra a vontade. Mas eu e Cratístenes (pois ele também estava presente) levámos Sóstenes embora, regressámos à casa, onde encontrámos Hismine molhada em lágrimas, frente às portas. De facto, uma criada, havendo voltado a correr, contou-lhe tudo. [11.5] E novamente levantou-se lamento e pranto, com efeito, a mãe erguia o lamento como se fosse pela filha que tivesse morrido enquanto a filha, por sua vez, deplorava amargamente pelo lamento da mãe. E o meu pai Temisteu e a mãe Diantia trouxeram as mulheres para o quarto, acalmando o barulho [de lamento].

[12.1] Eu e Cratístenes fomos para o meu quarto, onde partilhámos os acontecimentos após Aulícome. Como na refeição a ordenação dispôs Hismine frente a mim, e como eu, pegando

¹⁷ Ave de poder reconhecido, associada a Zeus. Considere-se punição tradicional do dolo de Prometeu pelo consumo diário do fígado de Prometeu pela águia (Zeus). Vd. relacionamentos de Zeus: Zeus-águia/Astéria, Zeus-águia/Ganimedes. Cf. repasto das águias em *A. Ag.* 135-139.

¹⁸ A expressão de sentimentos e afetos manifesta-se por comportamentos (e.g. choro, gritos), roupas, atos, como o de arrancar cabelos da cabeça (e.g. *Il.* 10.15. Vd. Aquiles, perante morte de Pátroclo, *Il.* 18.27 ou companheiros de Ulisses, *Od.* 10.567. Cf. corte de cabelos, *Il.* 23.151).

¹⁹ Cf. *E. Hec.* 96-97.

²⁰ E.g. *Il.* 22.126; *Od.* 19.163.

a taça e tendo apenas aproximado aos lábios, devolvi ao que entregou, havendo dito que Hismine deveria beber antes de mim, [12.2] e Cratístenes (na verdade, ele, por imposição do pai²¹, estava a verter o vinho) facultou a Hismine, como a rapariga agarrou com todas as mãos, como agradeceu com um gesto, como Cratístenes com a segunda taça serve antes para a rapariga, como ela tendo sorvido um pouco, devolveu o todo, [12.3] e eu, que fingi estar com sede, peguei a taça das mãos de Cratístenes, e todos os outros jogos de estilo erótico que jogávamos enquanto bebíamos.

A partida dos nossos pais e mães para o altar para o sacrifício e os nossos jogos na poltrona da rapariga, [12.4] e todos os acordos de modo apaixonado que fizemos, a consideração de Sóstenes na segunda refeição, como iria oferecer um sacrifício pelo casamento da filha, como convidaria o meu pai e eu para aquele casamento em Aulícome, a nossa consternação face ao inesperado do anúncio, [12.5] e tudo o mais à mesa, a vigília de Sóstenes e Pantia no altar nos segundos sacrifícios, a solidão da donzela, as nossas lágrimas na sua poltrona e, finalmente, o acordo que estabelecemos e invocamos os deuses para testemunhar.

[13.1] E Cratístenes: “Profetizo que a ave é muito auspiciosa para ti e muito de mau agouro para o noivo de Hismine em Aulícome. Ora, se o próprio Zeus aconselha o rapto e te delega um pouco, por que esperas? [13.2] Por que hesitas?” Eu face a ele: “Nos infortúnios, segundo a tragédia, os amigos são muito evidentes²²; considera também as coisas do assunto para mim.”. E Cratístenes: “Eu estarei ao teu serviço para o facto.” E, “Adeus”, havendo-me dito, partiu para tratar do assunto. Eu fui para o quarto.

[14.1] Aí o meu pai e mãe com Sóstenes e Pantia bem como a rapariga discutiam a propósito dos eventos no altar e o sacrifício, e eu ouvi a donzela dizer à mãe: “Mãe, o que Temisteu e Diantia te disseram acalma o suficiente a ondulação da alma, não por probabilidade, mas de verdade; [14.2] por que tu ainda te transtornas inteiramente assim por causa do assunto e a atormentas por completo com lamentos? Zeus desaprova o casamento, não deseja que eu seja levada em casamento; afirmas que isso é o que a águia sugere. [14.3] A previsão de Zeus, a benevolência disso! Tu, porém, pretendias que me casasse e contraísse para mim o casamento de mau agouro. Mãe, por que lamentas tanto por um presságio tão belo de Zeus?”.

[14.4] E o meu pai Temisteu elogiou a donzela, dizendo: “Bravo, rapariga, pela tua perceptivez, e mais ainda pela fala.” E para Sóstenes afirma: “Se te aprouver, vamos também para a mesa; é altura das Diásias, honremos o festival, para que Zeus nos seja mais favorável [14.5] Compartilhemos na comida, participemos do sono. Já é noite e o tempo dos sacrifícios aproxima-se, convocando-nos para o altar.”

Pantia afirma: “Não voltarei ao altar, não farei nenhum sacrifício brilhante para a águia que voa alto²³; [14.6] Basta-me de sacrifícios, chega de lamentações, desta tomada inútil de augúrios.

²¹ Entenda-se “meu pai”.

²² Cf. E. *Hec.* 1226-1227.

²³ Cf. *Il.* 12.201, 219; *Od.* 20.243.

Mesmo que aquela águia aterrorizante e de mau agouro não se satisfaça de sacrifícios, então a águia é aquela que escava a costela de Prometeu²⁴, que devorava todo o fígado, e arrancou por completo a barriga e comeu minhas entranhas.”

[14.7] E Sóstenes: “Que a língua não possas enviar adiante a língua tão precipitada e descaradamente, não tenha Zeus ficado furioso contigo. Obedeçamos a Temisteu.” E Pantia disse para Sóstenes: “Tu contém-te mas a minha obstinação | e raiva muito irregular não censures²⁵; de facto, as minhas entranhas estão a queimar.”

[15.1] De qualquer forma, depois de muito, a mesa foi improvisada para nós no meio do quarto, mas as comidas e bebidas eram sem cerimónia e sem muita festividade. Enquanto no meio dela o bom Cratístenes veio, e sentou-se connosco no chão e nas pedras de muito brilho, com as quais o quarto havia sido adornado. [15.2] E por fim, apareceram as coisas relativas à mesa e à refeição, se convém chamar mesa e refeição àquelas coisas.

E mais uma vez o meu pai Temisteu fala para Pantia: “Tu como mãe, e mãe que ama o filho, e não menos uma criança linda (de facto, que a verdade seja dita), não vou negar. [15.3] E que para as mulheres (de acordo com a tragédia), os filhos das dores de parto são um horror, todas as mães testemunhariam²⁶, mas que a palavra²⁷ geradora da verdade é simples²⁸ todos sabem, incluindo tu. Então, os sacrifícios foram completamente oferecidos pela tua filha que se casar, os quais foram todos arrebatados pela águia de Zeus. Se a águia é de mau agouro e o presságio não é bom, eu não sou adivinho preciso. Mas se o assunto te parece de muito mau agouro e é assim de muito mau presságio, quanto a mim, isto tem certamente muito bom presságio.

[15.4] É que se o sacrifício após a câmara nupcial e Zeus desaprova o casamento e indicia a desaprovação através da águia, o teu choro não é extemporâneo; de facto, foi para Epimeteu²⁹ que o arrepender inutilmente foi concedido. [15.5] Por outro lado, se o teu sacrifício ocorre antes do matrimónio, tentas saber o futuro, Zeus não permite o casamento, o deus da premeditação olha para ti com extremo carinho, ficas feliz com a tua pequena filha. Por que motivo, então, ergues um lamento e gemido sobre tão bom presságio de Zeus, quando deverias antes ter prestado um sacrifício de agradecimento a Zeus *Soter* e uma gratificação pela segurança da tua filha. Ora, se

²⁴ Vd. A. Pr.

²⁵ A. Pr. 79-80.

²⁶ Cf. E. Ph. 355.

²⁷ Vd. μῦθος, “mito”, relacionado com a raiz mu- para sons animais ou inarticulados, onomatopeicamente conservados, em termos como *mugire*, “mugir”. Em grego, denota um qualquer dito ou afirmação, adquirindo assim um cariz articulado. Também sentido místico, relacionado com a celebração de mistérios e rituais. Vd. μύω, “estar com os olhos ou a boca cerrados”; μύστις, “iniciado nos mistérios”; μυστήριον, “mistério religioso”, ou no latim *mutus*, “mudo”.

²⁸ Cf. E. Ph. 469.

²⁹ Cf. Hes. Op. 83-89. Vd. Epimeteu, irmão de Prometeu, recetor de Pandora.

continuas a lamentar-te, acusarás de injustiça aquele que te há salvado da tempestade e de fogo, porque te deu vida.”

[16.1] Pantia, tendo aceitado com dificuldade os comentários do pai³⁰ e, contido um pouco o choro, concordou em deitar-se e vigiar os sacrifícios uma vez mais. E assim separámo-nos uns dos outros. [16.2] Então Cratístenes, tendo ido comigo para o quarto, diz-me: “Não tens mais tempo de atraso. De facto, Zeus, comigo, arranjou tudo bem para ti e um barco está pronto para zarpar para a Síria. E o meu pai tem um estrangeiro³¹ sírio que vai dar-nos hospitalidade e receber-nos de uma maneira amigável.”

[16.3] E eu perante Cratístenes: “Se a amizade não é um fingimento, tens amizade por Hismínias e o julgas o teu outro eu, zarparás connosco?” [16.4] Ele diz-me: “Nunca tive em mente não velejar, não partilhar os teus desconfortos, não sofrer e ficar angustiado. E agradar-me-ia não atrasares retirar-me do assunto.” [16.5] Já eu perante ele: “Se tu quiseres, vai até ao mar por mim e providencia as coisas no navio. Eu cá, quando for a altura dos sacrifícios, de Sóstenes e Pantia estarem nos sacrifícios com os meus pais, havendo ido até a rapariga e contarei a totalidade do drama. Será tua tarefa considerar o momento e levar-nos para o porto e o navio.”

[17.1] Então Cratístenes deixou o quarto, contudo eu alongado completamente na poltrona enquanto tinha um mar de pensamentos a subir pela minha alma, e como um navio era sacudido por ondulação e tempestade. [17.2] Desesperado, alegrei-me, ficando apavorado, tinha coragem, eu estava completamente cheio de prazer e medo; com efeito, ser bem-sucedido alegrou muito a minha alma, porém, fracassar deprimiu excessivamente.

[18.1] No meio dessas ondas, em todos esses mares e tempestades, o sono sobrepujou os meus olhos e vejo no quarto uma série não bem contada de jovens e donzelas, quanto às cabeças enfeitadas com rosas, as mãos unidas umas às outras em fila, e entoando uma melodia como as Sirenes³² cantam. A melodia era um hino de Eros e encómios de Afrodite. A música deliciava como um hino de casamento, como os Eroles cantam num leito nupcial. [18.2] A multidão, por seu turno, cantava a melodia e enchia de prazer e deleite apaixonado a minha alma. E era como se eu estivesse completamente num frenesi erótico.

[18.3] No meio desse coro irregular brilhante, com graciosidade, no meio das coroas, no meio das canções, no meio de melodias apaixonadas, vejo também uma vez mais, sentado no trono elevado, Eros, vestido de forma majestosa, e a conduzir Hismine pela mão. Eu fiquei totalmente surpreso ao ver. [18.4] Ele diz-me: “Hismínias, vê, tens Hismine”, e colocando a mão dela na minha mão direita, voou para longe dos meus olhos, levando outrossim o sono.

³⁰ Entenda-se “meu pai”.

³¹ Cf. *Il.* 6.215.

³² Cf. *Od.* 12.41-45.

Livro 7

[1.1] Então Eros concedeu-me Hismine assim, e no sono [eu] parecia possuí-la completamente, também vendo Eros por inteiro. Quando foi ocasião dos sacrifícios, mais uma vez Sóstenes e Pantia, com a minha mãe e pai Temisteu, prepararam-se para o templo e os sacrifícios, e de igual modo eu, sacrificando a mim mesmo totalmente face a Hismine ou <desejando> tomar Hismine por inteiro a título de sacrifícios. [1.2] De novo abraçado, beijo e sou beijado de volta e enlaçado, e eu digo para a donzela “Eros coloca-te na minha mão e Zeus indicia a abdução.”

Ela diz-me: “Tu não sejas convencido pelos enigmas de Zeus, e [não] desejes observar o dever designado por Eros. [1.3] Viste o sacrifício, a águia. Mas tu pretendes que Zeus fique diante de ti e te fale por boca diretamente?” E eu diante da donzela: “Agora vi em sonhos Eros a segurar-te pela mão e a colocar a direita na minha.” Ela beijou a minha direita, já eu a outra dela e nós voltámos a trocar beijos apaixonados.

[2.1] A rapariga diz-me: “Beijos são bons, Hismínias, outrossim deveras belos e plenos de prazer, mas os sacrifícios já têm um limite e Hismine novamente para Aulícome, porém, o meu belo Hismínias, aqui em Eurícome, tu, o prado das graças, a colmeia dos Eroles, senhor da minha Hismine. [2.2] Mas, ó luz dos meus olhos, conforto do coração e alívio da alma, que o tempo e as mudanças de circunstâncias te misturarem a taça do esquecimento, nem (isso é mais amargo do que a morte) uma donzela de Eurícome.” E mais uma vez beijou e mais uma vez chorou.

[3.1] Eu, abraçado a toda a donzela e havendo beijado a totalidade com paixão, “Não ignoras Cratístenes — disse —, que navegou comigo para a sua pátria Aulícome. Ele é meu conterrâneo, meu sobrinho, meu outro eu.” Ela diz-me: “Também o atendi, e misturei vinho para ele com esta mão.” [3.2] “É esse mesmo”, eu para ela, “e preparou um navio e equipou para a nossa fuga, ele vai navegar connosco e ajudar-nos em todo o caso.”. E a rapariga beijou a minha boca, tendo dito: “Beijo a tua boca e saúdo a língua que me anunciou a notícia boa.”

[4.1] E uma vez mais eu, face à donzela: “Vê, Zeus e o próprio grande Eros colocam-te nesta minha mão; então, por que não colho o cacho de uvas que está maduro e todo a transbordar de suco? Por que não apanho o milho que está curvado até o chão?” [4.2] E tentava uma ação mais apaixonada, todo eu envolvido na tentativa, comprimindo, beijando, abraçando, segurando a mão com mais ardor, e fazendo tudo o mais que desperta paixão. Mas não consegui persuadir Hismine. “Não vais persuadir-me, mesmo se me venceres”, disse ela, “pois não roubarei o casamento que Zeus me concedeu.”³³

[5.1] Nós lutámos isto de modo apaixonado, mas jogávamos ansiosos. E Cratístenes aparecendo na porta, “Hismínias” diz; eu para a rapariga, “Cratístenes”, digo. Na realidade, tinha o

³³ Cf., de certa forma, Ar. *Pl.* 600.

ouvido vigilante da voz de Cratístenes e os meus olhos e mãos face à donzela, mas a mente estava nele. [5.2] E levantei da poltrona com a donzela por vergonha e alegria, ademais, dirigidos para a porta, “Bem-vindo” — declarava a Cratístenes. Mas ele “Não é ocasião — afirma — para ficares parado³⁴; devemos ir para o porto, embarcar no navio, deixar Eurícome.”

[6.1] Disseram isso, percorriam o caminho, e nós seguíamos. E chegados ao porto, erguidos no tocante às nossas mãos na totalidade para o próprio céu brilhante, “Zeus pai — dizíamos —, preparámos esta [partida] concordantes contigo e com os teus enigmas. [6.2] O teu filho Eros sitia-nos e leva-nos da nossa pátria como botim. Tu, ó Posídon, sopra por trás, não de frente; não te inflés contrariamente ao vento sereno de Zeus nem ao Zéfiro de Eros que nos traria em segurança para o porto.”

[7.1] Ao dizer isso e embarcado no navio, zarpámos com vento favorável. Com efeito, no início, Posídon, todo doce, enviava vento de popa, tendo ondulado a vela e dado asas ao navio, transportava-nos deliciosamente. [7.2] Eu tinha o navio como poltrona e os joelhos da donzela como colchão, e todo reclinado assim, dormia docemente como nunca, por Eros! A donzela colocou a boca nos meus olhos e nos lábios, beijava-me em silêncio; e o navio era para nós quarto nupcial, poltrona, colchão e aposento. [7.3] Eros entrando para a alma a tal ponto e tendo-a escravizado por inteiro, convence a ignorar tudo o mais e a adaptar-se inteiramente a ele.

[8.1] Ora, assim foi o que aconteceu à noite, mas quando o sol apareceu acima da terra e a noite estava em lado nenhum, Posídon sopra de frente e derrama inteiramente contra nós a partir da proa [8.2] e esforça-se por afundar todo o navio nas ondas e submergi-lo todo na profundidade com as suas tripulações, com a sua carga, com as suas colmeias de Eros que, cheias do mel da paixão, continham a bela Hismine e eu, Hismínias, mesmo que Posídon lutasse contra estar cheio de mel em vez de absinto. [8.3] Mas, oh, aquela tempestade e o naufrágio duplo! O navio era sacudido pelos ventos contrários e agredido pelas ondas, para mais, todos nós, mesmo antes da profundidade, expirámos a alma nas ondas e já a abandonávamos.

[9.1] A minha donzela havendo-se pendurado inteiramente ao redor do meu pescoço, levantava também outra tempestade mais dolorosa e violenta para mim, com mares de lágrimas a ter inteiramente derramado dos olhos e a ter-me esmurrado completamente com a língua, o abraço e as lágrimas, “Hismínias — havendo dito —, salva a tua Hismine! [9.2] Um vendaval terrível arranca-me das tuas mãos³⁵; um vendaval implacável extingue-me, a tocha dessa paixão; uma grande onda do mar esforça-se para inundar o fogo da paixão. [9.3] Nem pai, nem mãe, nem pátria, nem as coisas de casa me privaram do teu afeto³⁶, e agora o vendaval e as ondas arrancam-me das tuas mãos. Eros colocou-nos em servidão reciprocamente e Zeus indiciou o rapto nos sacrifícios, mas Posídon

³⁴ Cf. S. *Aj.* 811.

³⁵ Vd. BEAULIEU, 2008.

³⁶ Vd. sentimento por Hys. aqui referido como *philia*.

feroz e selvagem levanta uma montanha de ondas, opõe-se ao enigma de Zeus e lava todo acordo de servidão apaixonada com as ondas.

[9.4] Fugi do pai, mas não fugi do naufrágio. Passei despercebida da mãe, mas de ti, Posídon, não passei impercetível. Mas, ó mãe, agora o teu choro é muito útil. Virgem, fui arrebatada das tuas mãos, e virgem desço ao Hades. [9.5] Isso a águia indiciava-te. O navio é o meu leito nupcial, as ondas o casamento a minha tumba, o som do vento o hino matrimonial, e eu, donzela, a noiva. [9.6] Mas, oh, nova câmara nupcial, ó casamento amargo, ó nossa fuga miserável. Fugidos do fumo, caímos sobre fogo³⁷ e, devastados pelo fogo, purgar-nos-emos com o mar. Oh acaso³⁸, que implacável e selvagemmente nos sopra e nos mata com fogo e água!”

[10.1] A rapariga dizia isso e os olhos estavam a brigar com as ondas do mar, a língua com o barulho mais violento do vendaval, e contra toda a minha alma lutava antes da tempestade e da profundidade do mar. [10.2] Eu face a ela: “Donzela Hismine (porquanto esta é a denominação que a divindade te proporcionou) a nossa fuga e tudo o mais que projetámos em vão, é inútil. [10.3] Eros enganava-me verdadeiramente, e os sonhos³⁹ que inventou para mim, vejo que na realidade são sonhos e manifestações do sono. Com efeito, todos os caldeirões de fogo que acendeu para ela no meio do coração, as ondas do mar esforçam-se para extinguir.

[10.4] Mas mesmo que colija todo o mar, não extinguirei a chama que Eros acendeu na minha alma a partir de Hismine como seu acendimento. E abraçar-te-ei, donzela, e serei coroado pelas ondas, havendo fixado um leito nupcial aquoso para ti. [10.5] Talvez Posídon tenha pena do abraço. Na verdade, este navio é o condutor dos mortos que nos há transportado para o Hades, realmente é o compartimento nupcial de Afrodite e o quarto do casamento de Perséfone⁴⁰, de facto, reconto de Sirene.”

[11.1] A rapariga diz-me: “Ao que tudo indica, a maldição da mãe⁴¹ levanta a tempestade contra mim; as mãos da mãe erguidas para o céu empurram-nos para a profundidade e oprimem completamente. [11.2] Oh, língua materna que nos há afogado. Oh mãos daquela que agita todos esses mares. Oh a efervescência da alma⁴² daquela, que procura arrefecer-nos inteiramente! Com efeito, já, conforme o poeta, provamos do frio Hades⁴³. [11.3] Mas, ó mãe, segura a língua, para que

³⁷ Cf. Pl. R. 8, 569b.

³⁸ Cf. μοῖρα, “destino, lote determinado” e τύχη, “acaso, sorte”, dependente de culpa e responsabilidade humana.

³⁹ Cf. Penélope e a distinção da veracidade/falsidade dos sonhos, pelas duas portas (δοῖαι πύλαι) dos sonhos: uma de chifre — κέρασσι, outra de marfim — ἑλέφαντι (Od.19.559-569). De igual forma, Virg. A. 8.22-28 denota a simbologia das *geminæ portæ* da seguinte forma: uma, a ebúrnea, falaz; outra, de natureza cornígena, conotada com a verdade. O *topos* onírico denota um estado transitório de morte (vd. Tânato: θάνατος, “sono”, irmão de Hipnos: ὕπνος, “sono”). Por vezes de cariz divino (e.g. Il.2.42-47), de teor premonitório, ominoso ou informativo quanto a eventos futuros. Em termos de importância social, os visionamentos mais relevantes são os que atingem pessoas de elevado estatuto, como faraós (e.g. Hdt. 1.34.1-3), gerais (e.g. Hdt. 3.149), tiranos (e.g. Hdt. 5.56), reis (e.g. Pi. O.13.63-90). Pelo cargo que ocupam, são normalmente incitados a desencadear ações (vd. Artem. 1.2) com reflexos comunitários, ao contrário do que sucede com o comum dos homens, com sonhos ditos regulares (e.g. Il. 22.18, Od. 14.462 sq.).

⁴⁰ Vd., na tradição mitológica Deméter face ao rapto da filha Perséfone por Plutão (*h.Cer.*).

⁴¹ Entenda-se “minha mãe”.

⁴² Cf. Pl *Cra.* 419e, sobre ζέσις τῆς ψυχῆς, “efervescência da alma”, e θύσις, “raiva” na etimologia de θυμός, “ânimo”.

⁴³ Cf. Hes. *Op.* 153.

Posídon <retenha> a ondulação; contém as mãos, para que nos libertem das ondas; poupa as nossas almas; contém o choro, para nos libertares da tempestade, das ondas, da agitação e da tempestade.”.

[11.4] E disse-me: “Olha, chegam ao término os aspetos dos acordos comigo. Morrer contigo, o que é o meu consolo; a vida⁴⁴ é, portanto, lamentável e morrer não é inestimável. [11.5] Assim, nós compartilhamos a morte antes da morte e encaminhamos as almas para o Hades, exporemos à chuva as donzelas, livres por meio da virtude, mas escravas pelo amor, detentores cheios de paixão.”

[12.1] Porém, o timoneiro diz: “Homens companheiros da tripulação, homens que compartilham a tempestade e morte, o vendaval é violento, a ondulação incessante e até haver alcançado as nuvens. A vela está a desfazer-se, o casco cheio de água do mar, não tenho mais força para suportar tal peso de água, nem a mui violenta tempestade e ventos contrários. [12.2] Para mim basta de nauquaquias! Posídon está totalmente contra nós. Por que não oferecemos libações suplicantes, segundo o costume náutico — o costume é tirar sortes — e sorteamos uma vítima sacrificial?”

[12.3] Isso referia o timoneiro e chorava a referir, nós a favor do lançamento da sorte, curando o mal com mal. E a alocação de morte em Hismine, então houve um fogo novo, bem como um sacerdote e altar improvisados; [12.4] o mar era o fogo, as ondas o altar, e o sacerdote o bom timoneiro que respeitava o costume náutico, a vítima (mas não sejas esfarrapado, meu coração) a donzela Hismine, que eu, o que muito sofre⁴⁵, havia abraçado e enlaçado totalmente, e enviei para o porão do navio.

[13.1] Cratístenes implorou à tripulação,: “Poupai — dizendo — a beleza e juventude da donzela.” Mas, de facto, conforme a tragédia, a anarquia naval é mais poderosa do que fogo⁴⁶, Cratístenes também cedeu às ondas, e Hismine foi arrancada das minhas mãos.

[13.2] O timoneiro, discutindo sobre infortúnios dos outros, profetizou: “Outrossim Criseida⁴⁷ era arrancada das mãos do rei Agamémnon, mas a ira de Apolo aplacava-se e o exército

⁴⁴ Regularmente, a morte é considerada um mal (vd. Sapph. fr. 201 Lobel-Page; Arist. *Rh.* 2.23.12). Em virtude da degeneração no período de existência, a separação da parte corpórea (cf. orfismo, estoicismo), tradicionalmente apelidada de “morte” (Pl. *Men.* 81b), comum, inevitável para o ser humano (vd. Pl. *I.* 7.42; D. 258. Cf., todavia Zeus face a Sarpédon *Il.* 16.439-449; divinizações), uma vez paga a dívida da culpa ancestral titânica (E. *Alc.* 418-419, *Andr.* 1271-1272; Pl. *Men.* 81b. Cf. falta de Eva, no paradigma judaico-cristão) poderá constituir uma fase de libertação, isenta de sofrimentos corpóreos (e.g. desejo, fraqueza, degeneração, doença) que já fizeram todos alguma vez já haverem desejado a morte (Hdt. 7.46). Assim, vd. um certo pessimismo, conotando a morte como algo melhor do que a vida (Pl. *Ap.* 29a-b. Cf. E. fr. 638, 833 Kannicht; Pl. *Grg.* 493a).

⁴⁵ Cf. πολύτλας, “muito sofredor”. Nota épica pela utilização de um epíteto tradicional de Ulisses (e.g. *Od.* 24.504).

⁴⁶ Cf. E. *Hec.* 607-608.

⁴⁷ Considere-se a dupla insolência de Agamémnon em cenário troiano, ao desconsiderar o pedido de Crises, sacerdote e Apolo, enquanto hóspede e suplicante, para reaver a filha Criseida, tornada cativa do Atrida, donde a cólera funesta da divindade (*Il.* 1).

desejava libertar-se da praga; então agora nós sacrificaremos esta ao nosso deus⁴⁸ e afundá-la-emos completamente nas ondas, e salvaremos as nossas almas da tempestade.”

[14.1] O magniloquente timoneiro discursava sentado no alto, mas a donzela não foi arrancada das minhas mãos, comigo a discernir “Com o meu <escudo> ou nele”, como a mulher espartana⁴⁹. O navio estava cheio de disputa e de uma tempestade multiforme. [14.2] A agitação do mar esforçava-se para enviar o navio para o fundo e as profundezas do mar, e a tripulação arrastava a donzela do porão do barco e das minhas mãos. As minhas mãos seguiam com a donzela como a de Abradates⁵⁰ e eu estava a ser todo puxado por aqueles que dilaceravam e implorava que me atirassem na profundidade e que sacrificassem às ondas.

[14.3] Mas eles, misericordiosos, persuadiram-se, ou melhor, tinham misericórdia por não se persuadirem. O timoneiro, sábio quanto a tudo, de novo filosofava e de novo discursava: “Posídon — dizendo — requer a rapariga; o lote [caiu] nela; ela é o sacrifício e a recompensa das nossas almas; que seja agarrada das mãos desse, que seja assolada dos braços, que seja dada à profundidade e às ondas.”

[15.1] Então a donzela é arrancada das minhas mãos, despojada da túnica e lançada nua nas mãos do timoneiro. O timoneiro, sábio quanto a tudo, sacerdote e sacrificador público, pegando a donzela e, voltando os olhos por inteiro para as ondas, [15.2] “Este, senhor Posídon, é o teu sacrifício e resgate” — havendo referido — (mas alma minha, nunca escapes da barreira dos dentes)⁵¹. Arremessou a rapariga do navio e deixou ir completamente para as ondas. Contudo, eu deixei toda a voz e a alma irem com a rapariga, e procurava afundar o navio inteiro com as lágrimas, “Hismine — dizendo —, Hismine.”

[16.1] Mas ela, como se tivesse bebido toda a procela e expelido todo o mar e, como uma maré vazia, engolido todos os ventos, trouxe calma ao mar e tranquilidade a partir da agitação e da tempestade. Todavia, agitava a minha alma inteira e perturbava. E a tripulação com seu timoneiro colhia a doce primavera e bebia o copo do prazer a partir da intensa amargura, da agitação, tormenta e tempestade. [16.2] Eu, havendo tomado um recipiente de amargor e de um mar inteiro de absinto, a esvaziá-lo todo da boca e dos olhos, a arrastar todo o meu navio, a erguer outra agitação a uma segunda tempestade. O timoneiro não suportando, mas, pensando que o lamento não era um bom augúrio, levou o navio para a terra e descarregou-me da nau.

[17.1] Eu, tendo sentado na areia à beira-mar, declamava tragédia por todo o infortúnio, havendo despejado libações funerárias⁵² para a rapariga, “Hismine — dizendo —, Hismine, luz que

⁴⁸ Posídon.

⁴⁹ Vd. Plu. *Lacaenarum Apophthegmata* 241f.

⁵⁰ Entenda-se “filha de Abradates”, X. *Cyr.* 7.3.8.

⁵¹ Apontamento homérico (e.g. *Il.* 4.350).

⁵² Entendam-se “lágrimas”.

fluiu dos meus olhos, pássaro que voou das minhas mãos (Oh, naufrágio amargo e tempestade lamentável, oh, calma mais amarga do que a tempestade), tu foste levada pela ondulação e intensidade da tempestade, hás submergido a minha alma, inundado com mares inteiros de lamentações. [17.2] Tu hás expirado a alma donzela, toda coroada com águas, lamentos, tristezas e lágrimas coroaram a minha cabeça e alma lamentavelmente. O mar é o teu leito de casamento e o túmulo, e eu o criado. [17.3] Mas não entoarei um epitalâmio para ti, não aplaudirei o casamento, mas, na areia, como se num cenotáfio, criar-te-ei odes fúnebres amargas, e, convocado todo o coro de Nereidas, declamarei em tragédia todo o meu infortúnio. [17.4] Oh, onda do mar que amarga todo o meu senso, oh, tempestade que há submergido o leito nupcial inteiro e a noiva com ondas, oh, meus infortúnios, oh, fortuna que constantemente se nos opôs, oh, aquela aljava que Eros esvaziou no meu coração! [17.5] Ai, fogo da paixão, a partir do qual Eros me acendeu caldeirões inteiros na alma!

Mas, ó suserano Eros, mais poderoso de todos os deuses, ó que o governa almas, ó que envia o dardo e que havia revirado com olhos também as almas, ó que inflama entranhas e queima corações inteiros; ó monarca dos sonhos, se não de todas as coisas, mas apenas das falsidades, neste ponto o impetuoso Posídon censura-te. [17.6] Vi-te armado e fui ferido pelos dardos; portador de fogo e relativamente à alma inteira fui inflamado; e não escapei da asa. [17.7] Todavia, já é altura de usar-se a nudez do corpo contra Anfritrite inteira e o próprio Posídon; eles pilharam a garantia que me concedeste, suserano, a tua Hismine a quem concedeste a minha direita⁵³; eles saquearam o meu tesouro. [17.8] Mas tu, põe de parte o fogo, os arcos e pena; mas se não quiseres, revolve, mergulha na profundidade e traz-me de volta⁵⁴ Hismine, a Hismine apenas a lembrada, incendeia as minhas partes íntimas e queima toda a alma.

[17.9] Mas, oh, os prazeres daqueles em sonhos, os beijos, os abraços, os entrelaçamentos e todas as coisas amorosas! Que estranho a propósito dos sonhos pelos quais fui escravizado! São totalmente sonhos e sono, uma verdadeira zombaria. Oh, Zeus, o mais verdadeiro dos deuses, na verdade aquele teu pássaro de muito mau agouro indiciou claramente todo o meu futuro; pois olha, a donzela Hismine foi arrancada à força destas minhas mãos lamentáveis.

[17.10] Mas, ó donzela, enganei-te a propósito dos acordos; jurei-te pelos próprios deuses morrer contigo e compartilhar a tua fatalidade. Agora a escuridão cobre-te e a onda lamentavelmente

⁵³ Entenda-se “mão direita”.

⁵⁴ Se em termos epicuristas, o óbito representa o final de toda a existência, seguindo contornos de cariz órfico, pitagórico e estoico, adaptações basilares no cedo judaico-cristão (cf. ressurreição de Cristo), admite-se a sobrevivência da alma *post mortem*. Assim, a tradição clássica grava catábases épicas ao submundo (e.g. Ulisses, Eneias), onde as almas subsistem no submundo (Hades), com a aparência corpórea, facilitando “sangue negro” a comunicação (Cf. *Od.* 11). Cf., na ficção novelesca, renascimentos devidos a taumaturgos, uns ficcionados, outros considerados reais, cujo impulsionamento se atribui ora a divindades (cf. Asclépio: Apul. *Fl.* 19; Orígenes *Cels.* 3.24), ora a médicos, curandeiros, ervas. Considere-se, a propósito de ressurreição, no cenário clássico, Hdt. 4.13-16, 94-96; Pl. *Chrm.* 156d; Apollon. *Mir.* 2.2. Cf. milagres, *mirabilia* hagiográficos. A reaparição ou resgate (cf. *Ar. Ra.*) inclui figuras lendárias (e.g. Er, Pl. *R.* 10.614-10.621 / mitológicas (e.g. Eurídice, Apollod. 1.3.2) e outras reais (e.g. Nero, Tac. *Hist.* 1.2, 2.8; Suet. *Nero* 57).

afogou mais cedo, eu cá vejo a luz e sento-me ao lado das ondas. [17.11] Tu no Hades, já eu, na terra. A tua boca, colmeia de mel, ficou muda, enquanto a minha boca, dilatada com dor, entoa para ti o trágico cântico da despedida e incha com os sentimentos, como se perfurada pela picada da tua abelha; e tu talvez venhas a acusar-nos de esquecimento, porém nós temos a tua memória como dando-lhes alma, junto com essa alma e inflá-la-emos, ou melhor, descemos juntos até ao Hades e até ao próprio recipiente do esquecimento, lamentando amarga, deplorável e inefavelmente.”

Dizia isso e o choro fluiu dos meus olhos e vertia como um mar, ondulado com frequência e destruiu-me por completo.

[18.1] No meio disto o sono, sem ser visto, cai nos meus olhos e arrasta-me completamente para si mesmo, e mais uma vez Eros se posiciona sobre mim durante a noite enquanto eu durmo. [18.2] E foi realmente aquele Eros o pintado em Aulícome, e diz-me: “Saudações, Hismínias”. Já eu, “Mas não sinto coisas boas⁵⁵; pois o encargo que colocaste nestas minhas mãos, a tua Hismine e minha donzela, esse impetuoso Posídon agarra selvaticamente destas minhas mãos lamentáveis, havendo agitado todo o mar, levantado toda uma tempestade.

[18.3] Mas, Eros suserano, vi toda a raça de Anfítrite⁵⁶ escravizada e a tremer diante da tua nudez. Ó suserano, traz de volta do fundo do mar Hismine, donzela tão formosa, tão adorável, tendo respirado tanto amor, escravizada a ti e tendo-me escravizado como amator. [18.4] Tendo sido ferido pelos teus dardos, suserano, tornámo-nos desertores das nossas pátrias; com as entranhas em chamas com o teu fogo, suserano, passámos noites inteiras sem dormir⁵⁷. Encorajados pelo teu poder, suserano, embarcámos no mar, aventurámo-nos pelo pélagos. [18.5] Mas oh, o teu domínio, então a minha desgraça! Posídon levanta toda uma tempestade, esvazia toda a raiva sobre o mar, tenta afundar o navio completamente pelas ondas, e Hismine (poupa-a, suserano Eros) com a mão inteiramente impetuosa (Ai), arranca destas minhas mãos miseráveis. Mas, ó Eros, governante de todas as coisas...”

[19.1] Ele levantou voo com os pés e, chegando ao meio do pélagos, cai sobre as ondas, avança face à profundidade e não muito depois presta atenção em mim novamente, segurando Hismine nas mãos, como estivesse húmida do mar e lavada pelas Graças, e coloca-a nas minhas mãos. Mas eu, assim que segurei Hismine, no deleite acordei do sonho. E tudo isso, uma vez mais, eram sonhos escravizados a Eros.

⁵⁵ Cf. E. *Ph.* 618.

⁵⁶ Entenda-se “peixes”. Vd. Anfítrite, Nereida (*Hes. Th.* 243), para outros Oceânide (*Apollod.* 1.4.5) esposa de Posídon.

⁵⁷ Cf. *Il.* 9.325; *Od.* 19.340.

Livro 8

[1.1] Assim, levantei dos sonos com prazer e deleite, e com os olhos por inteiro procurei ver Hismine, mas ela em lugar nenhum estava. Porém, vejo a multidão na areia, uma horda não calculável de etíopes, homens selvagens, os quais vendo, pelo mar das minhas desgraças, fiquei rapidamente todo em pé e gostaria de estar a ver um sonho. Mas não era um sonho. [1.2] De facto, veem-me, puxam os cabelos e para a trirreme levam⁵⁸ selvagememente, como espólio, (com efeito, estava escorado acima do solo em estacas e cabos) e levando⁵⁹ para o porão da trirreme, sentam-me junto a um remo.

[1.3] Quando saíram de terra, tendo puxado todos os cabos, equipam o navio com remos, tantos quantos juntos as trirremes se orgulham. Chegados a um porto calmo e deveras adorável, atracam a trirreme e, depois de consumirem um pouco de comida e bebida (pois haviam trazido pão e água consigo), viraram-se face ao sono, havendo colocado guardas que nunca dormiam na proa e na popa.

[2.1] Por volta da terceira vigília da noite, levantados dos sonos, novamente equipam o navio com remos e saem do porto. E ao chegarem a um pequeno forte, amarraram o navio silenciosamente; pegando escudos nas mãos esquerdas, segurando espadas com as outras do lado direito e equipando todo o resto dos seus corpos com armas, enxamearam em redor da fortaleza como abelhas [em torno de] um favo de mel.

[2.2] Erguendo um clamor bárbaro e ininteligível, hoplitas atacavam os desarmados, os acordados os que dormiam, a assassinar, a pilhar selvaticamente como feras, destruindo totalmente a fortaleza; saquearam tudo que encontraram por acaso, incluindo as mulheres, as donzelas, jovens, homens — todos a quem o punhal bárbaro não enviou para o Hades. [2.3] Então, recolhendo todo o saque na trirreme, os piratas [subindo a bordo com essas coisas] embarcando eles mesmos, deixaram o porto longe.

[3.1] Quando alcançaram o meio do pélagos e tiveram a trirreme toda fixada com cabos como nas fundações, dividem-se os despojos. Tudo deles nos homens, tudo nos jovens, tudo nas donzelas e mulheres era retirado da túnica, ficava descoberto até às vergonhas e tiveram todo o seu corpo nu. [3.2] Os jovens e os homens foram recebidos pelo porão da trirreme, e a imoralidade e licenciosidade bárbara <permanecia> para as mulheres. Com efeito, as donzelas, por que lei bárbara não sei, estavam vestidas com uma túnica esfarrapada e nenhuma mão presunçosa foi posta sobre, nem havia nada bárbaro ou vergonhoso feito a elas.

[4.1] Então, as coisas assim de modo vergonhoso com as mulheres, mas os bárbaros organizaram-se de forma caótica e prepararam-se para o jantar. E eles tinham uma mesa extravagante,

⁵⁸ Entenda-se “levam-me”.

⁵⁹ Entenda-se “levando-me”.

não bárbara e completamente desprovida de valor, como a de pouco tempo antes. [4.2] O fundo da trirreme, como se referiu, foi reservado para os homens, enquanto o espaço em redor da proa foi reservado para as donzelas, mas na realidade as mulheres sentaram-se vergonhosamente à refeição com os bárbaros.

[4.3] Ora, depois das comidas extravagantes, como se referiu, e daquela vergonhosa refeição toda de sangue, colocam os jovens (esses eram poucos) nos remos; tantos quantos um pouco mais velhos (Ai da alma impiedosa dos bárbaros) tornaram-se supérfluas para espadas, e as cabeças foram lançadas impiedosamente ao mar. As mulheres, todavia, deitaram-se vergonhosamente com os bárbaros, e a trirreme era uma hospedaria cheia de torpeza e um simpósio de sangue.

[5.1] Assim era o que acontecia de noite. Quando noite não estava em lugar nenhum (na realidade, o sol estava sobre a terra), a luz desejada nos sorriu e o dia tinha luz, os bárbaros levantaram-se como de um leito nupcial e estavam todos ébrios com os prazeres, faziam barulho bárbaro com um som bárbaro, como se discutissem. [5.2] Ora, após um lauto troado, do tipo que a tripulação, e especialmente se bárbara, cria, uma estranha e ininteligível canção viu a trirreme adornada com uma vela branca e o vento que soprou da popa enfunou a vela, e a trirreme tinha balançado como um cavalo na planície.⁶⁰

[6.1] E para chegar ao que aconteceu nesse ínterim, todos os comportamentos de barbárie que celebraram, tudo o que declinaram às mulheres e tudo o mais que acontecia de forma bárbara e ignóbil, chegámos a Artícome com vento favorável e vemos uma multidão de Artícome na costa. [6.2] E depois de muitas libações do tipo que a barbárie oferece e que piratas trocam de maneira bárbara com aqueles em terra, a trirreme recebe uns reféns; enquanto a terra, a carga da trirreme, o quanto a barbárie saqueara da fortaleza. E havia um festival na areia⁶¹. [6.3] Então, tudo em prata, ouro, bronze, ferro, vestes e outras coisas que a mão bárbara saqueia, foi descarregado da trirreme e tudo colocado à venda. Mas o quanto do saque que consistia em nós, homens, não foi descarregado da trirreme em terra, mas era colocado à venda na própria trirreme.

[7.1] Em relação às mulheres e a nós, rapazes que éramos cativos, houve pouca discussão entre os⁶² de Artícome — ou melhor, nenhuma; tudo isso era dedicado à aquisição das donzelas. Elas eram muito admiradas pelos bárbaros e compradas por muitos deles em Artícome, após realmente o arco⁶³ e fonte de Ártemis, que Artícome considera <maravilha, como diz> ser o rio celta Reno.

[7.2] Com efeito, existe em Artícome um famoso templo de Ártemis, em cujo meio está uma imagem de ouro de Ártemis, que apontava o arco com ambas as mãos, e com uma fonte borbullhava

⁶⁰ Cf. *Il.* 6.506–507.

⁶¹ Entenda-se “à beira-mar”.

⁶² Entenda-se “os habitantes”.

⁶³ Entenda-se “o teste pelo arco”.

aos pés, havendo fluído conforme um rio furioso e turbulento. [7.3] Ao ver as nascentes, dirias que elas estão a espumar. Estes — o arco e a fonte — provam a virgindade e a perda da virgindade. Com efeito, se alguém está dividido a respeito de uma donzela e procurar testar, colocam a donzela na fonte, ao coroá-la de louro.

[7.4] Então, se a donzela que entrara na fonte não mentiu quanto à virgindade e não foi roubada do sinal, Ártemis não aponta o arco, a água fica calma e a donzela flutua facilmente nas águas, com a coroa de louro que fora colocada na cabeça. [7.5] Mas se o vento de Afrodite apagou a lanterna da virgindade e Eros furtivamente roubou por inteiro a virgindade, Ártemis, divindade da virgindade, aponta o arco contra a que não é donzela, que a enganou, e parece atirar na cabeça; ela estremece com o dardo, mergulha a cabeça sob as águas, <porém> a água espumava, remove a grinalda.

[7.6] Portanto, tudo quanto foi recolhido relativo a donzela[s] pelos bárbaros coroado de louro, foi depositado na fonte. E tudo quanto não mergulhou a cabeça, tudo quanto não perdeu a grinalda foi vendida por muito; tudo quanto mentia a virgindade foi atribuído à trirreme e contado com as mulheres, e o bronze foi recompensado no lugar de ouro, e um leito nupcial bárbaro no lugar da coroa de louros de virgem.

[8.1] Assim, estavam então as coisas quanto a Artícome e assim os despojos foram descarregados da trirreme. Mais uma vez, a trirreme estendia os remos habituais e a barbárie partia para outra⁶⁴. E nós, a partir de livres⁶⁵, éramos arrastados enquanto escravos dos bárbaros. [8.2] No terceiro dia, fizemo-nos a um outro porto, e quando nós levámos a trirreme até a terra e a amarrámos totalmente com os cabos, toda a barbárie voou do navio e ficou na areia, arrastaram as mulheres consigo, montaram um acampamento completo perto das ondas e prepararam um banquete ilustre. [8.3] E depois de muitas comidas, bebidas e alguns gracejos bárbaros e todas as outras atividades em jeito bárbaro e ignóbil foram usadas para as mulheres, a barbárie dispôs-se ao sono com as mulheres, imergindo nas almas completamente em prazeres e embebedaram-se por inteiro com as paixões.

[9.1] Assim era com a barbárie. Nós, a partir do porão do navio, encorajados pela embriaguez dos bárbaros, deixámo-los e fomos dominados por mil considerações, se desembarcar da trirreme na costa ou escapar das mãos dos bárbaros com essa mesma trirreme, ou armar de maneira helénica com as armas, as muitas quantas traz pela trirreme, colocar sobre os bárbaros e vencer ou cair enquanto lutávamos.⁶⁶

[9.2] Enquanto nós temos isso, um exército armado ataca os bárbaros em terra enquanto todos dormem, todos debochados de vinho e luxúria; e enquanto a barbárie era saqueada de todo

⁶⁴ Entenda-se “outra cidade”.

⁶⁵ Entenda-se “homens livres”.

⁶⁶ Cf. Plu. *Lacaenarum Apophthegmata* 231e.

o espólio por outro <exército>, nós trocámos servidão helénica por servidão bárbara e tornámo-nos escravos uma vez mais, ao tornarem-se companheiros escravos para os senhores bárbaros, e enquanto em servidão com os senhores, havia escravizado aos helenos com a mesma língua. [9.3] E no meio da ágora e da cidade de Dafnépole, a cidade sagrada de Apolo, o general e o exército divulgam o epinício sobre nós, a cidade aplaude e ressoa de júbilo. Ademais, todos nós, o saque, o despojo de guerra, éramos arrastados lamentavelmente até ao santuário de Apolo, que a cidade de Dafnépole apresenta como maravilha.

[10.1] Então, de imediato, todos juntos ao altar. E eu, agarrado aos pés do deus⁶⁷ e inundando-os completamente com as lágrimas, “Apolo, põe cobro tu — disse — à tempestade, havendo deixado um vento calmo soprar nos meus infortúnios. Vim de Eurícome a Aulícome como arauto de Zeus, pelo teu pai a minha miserável cabeça coroada com esse teu louro. Mas Eros, teu irmão, coroou em vez disso com rosas. [10.2] Roubou a minha virgindade, ou melhor, trocou de modo erótico, colocando a donzela Hismine nestas minhas mãos miseráveis, a donzela que Posídon arrancou dessas minhas mãos miseráveis e da minha própria alma a soprando com todo o vento, o mar inteiro e tempestade.

[10.3] Faz tu parar a tempestade e conduz a donzela Hismine à minha mão, ou a mim inteiramente à própria Hismine. Tornei-me um escravo em vez de livre⁶⁸ e três vezes escravo em vez de um arauto, escravizado primeiro a Eros, outrossim em segundo lugar aos bárbaros e pela terceira vez para os helenos da tua Dafnépole.”

[11.1] Dizia isso, havendo também sido arrastado com os prisioneiros para o louro e a trípole; o oráculo e o lote mais uma vez escravizam, e mais uma vez sou escravo, eu triplo servo, e fui levado para a casa do senhor, à qual o oráculo e o lote tinham entregado a minha servidão. [11.2] Porém, a senhora diz-me: “Quem és entre os homens, onde fica a tua cidade, onde os pais?”⁶⁹ Mas eu: “Ó senhora, sou teu escravo; mas ao procurar saber, procuras a encenação toda, eu sou o Modelo do Acaso, uma sombra dos mortos, o brinquedo dos deuses, mesa das Erínias.”

[11.3] E ao dizer, fixei os olhos no chão e molhei completamente com lágrimas⁷⁰. Todavia, ela, tendo-se apoiado, disse: “Não poupes nada, descobre dizendo tudo.”. [11.4] A minha voz falhou,

⁶⁷ Vd. figuras divinas em altares, enquanto locais de refúgio. Sobre a profanação de locais sagrados, cf., na tradição, Cassandra/Ájax; escravo Tranião, Pl. *Most.* 1094-1135.

⁶⁸ Entenda-se “homem livre”.

⁶⁹ Cf. fórmula homérica, e.g. *Od.* 1.170, 10.325, 14.187; 15.264, 19.105, 24.298.

⁷⁰ *Mutatis mutandis*, um certo paralelismo odisseico, considerando o choro de Ulisses após canto do aedo Demódoco, em Esquéria, antes de retratar a suas aventuras (*Od.* 8.522). Na realidade, o choro sobrevém várias ocasiões em cenas homéricas (e.g. em *Il.* Agamémnon 4.153-154, 8.245, 9.13-16; 10.9-10, 19.13-16; Andrómaca 6.484; Antíloco 17.695-696, 18.32-34; aqueus 18.315, 23.108, 23.152-153; Aquiles 1.348-351, 11.763-764, 18.318, 18.323, 23.60, 23.178 — gemidos, com anciãos aqueus 19.338, com sombra de Pátroclo 23.98, 23.224-225, 24.3-6, 24.123, 24.503-512, convite para os mirmidões 23.8, 23.10; armas 15.590; cativas troianas 23.340; cavalos de Aquiles 18.437-438; mirmidões 18.354-355; Heitor 14.432; Pátroclo 16.3; Príamo 22.33 gemidos; Teucro 8.334; Tersites 2.266-268; troiano ferido 13.423; troianos 24.794. Em *Od.* Agamémnon (sombra) 11.472; lacedemónios 4.183; companheiros de Ulisses 9.294-295, 9.467, 10.201, 10.241, 10.398, 10.454, 10.567; Eumeu 16.21-22; Euríloco 10.248; Laertes 24.315-317; Menelau 4.100-112; Penélope com Ulisses 23.231-232; Pisítrato 4.186; porqueiro e vaqueiro 21.223-226; Telémaco 1.242-243, 2.811, 4.113-114, com Helena 4.184-185, com Ulisses 16.214-215; Ulisses 5.81-83, 5.151-152, 5.154, 7.259-260, 8.86, 8.92, 8.522, 10.76, 10.499, 13-219-220 gemidos, 17.304-305). Vd. UREÑA PRIETO 1994.

a língua estava cerrada, e o choro dos meus olhos fluía em rios. O meu senhor (pois ele também estava presente): “É altura da refeição da manhã — diz —, reclinemos para o repasto e à mesa, também no meio da refeição venhamos a dar ocasião para a conversa do escravo.”

[12.1] Então a mesa era montada e os senhores reclinaram-se, contudo eu ficara de forma servil. E uma vez mais a senhora diz-me: “Olha, é altura de nos retratares em palavras as tuas circunstâncias.” [12.2] Eu, apenas lembrado, soltei do meu coração um gemido lamentável, todavia derramei muitas lágrimas dos olhos, “Poupai — dizendo — os meus infortúnios, senhores, para que não torne o repasto um lamento e vos sirva recipientes de tristeza.” Contudo, ao falar não persuadia e não persuadindo, “Ai, como é mau ser escravo — digo —, vencido pela força a suportar o que não deveria ser exigido⁷¹.

[13.1] A minha pátria é Eurícome, o pai Temisteu e a mãe Diantia; se prósperos, se ocupam a primeira posição entre os de Eurícome, não cabe a mim dizer. Era a altura das Diásias na cidade, e as Diásias são um festival brilhante. Eu cá estava coroadado com louro, vestido com uma túnica, com a bota solene, e inteiramente vestido com a roupa de arauto, vim como arauto a Aulícome. [13.2] E Eros roubou-me a grinalda, usando como isco a linda donzela Hismine, filha de Sóstenes, o primeiro entre os [habitantes] de Aulícome. E como escravo de Afrodite⁷² voltei para a minha Eurícome, com essa donzela e o pai dela.

[13.3] O que aconteceu a seguir? Sóstenes, o pai de Hismine, no meio do repasto e da refeição dispendiosa, anuncia o casamento da filha com outro, de que nós fugidos com satisfação, caímos nas mãos dos inimigos amargamente, tendo passado dos fumos para o fogo e das chuvaradas para o mar. Um navio auxilia-nos à fuga, face à qual Posídon se opõe, e procura uma vítima sacrificial. E fazia-se o sorteio, caindo sobre Hismine. [13.4] Ela é arrancada lamentavelmente das minhas mãos, arremessada nas ondas, e a tripulação escapa da tempestade, mas deixa-me no meio de um mar e tempestade de tristeza e lamentações, que a tripulação não consegue suportar e arremessa-me para terra, e esta barbárie, agora companheira cativa, leva-me refém. Então fui mais uma ocasião feito cativo pelas suas mãos, escravo tornado a partir de escravo e escravo três vezes em vez de um arauto.”

[14.1] Dizia isso e desfazia-me em lágrimas⁷³; a minha senhora refere-me: “Os teus assuntos são uma peça dramática inteira, e realmente uma tragédia; mas és afortunado quanto aos assuntos ao ter-nos para senhores.” [14.2] Já eu: “Antes porque tenho senhores sou desafortunado”, dizia defronte à senhora, “De facto, quem não está acostumado a provar os males suporta, mas sofre dor quando o jugo é colocado no pescoço.”⁷⁴

[14.3] E o senhor afirma: “Se a tua pátria é notável, a linhagem brilhante e a casa extravagante, agora não tens nenhuma dessas coisas: [14.4] com efeito, és um escravo, e nosso escravo. Se trocaste

⁷¹ Cf. E. *Hec.* 332–333.

⁷² No caso, Afrodite equivale a Eros, com quem tradicionalmente compartilha domínio (cf. Alc. fr.59 PMG).

⁷³ Cf. Ulisses a narrar aos feaces o seu passado (*Od.* 9–12).

⁷⁴ E. *Hec.* 375–376.

castidade e virgindade por Afrodite e Eros, se as grinaldas de louro das virgens pela grinalda de paixão das rosas, tu não tenhas nada a ver com isso, mas cultivava a castidade e ama a sobriedade, para que não aprendas a castidade por esses trabalhos ‘e tenhas na mão do senhor um professor.’”

[15.1] Isso o senhor. Eu permanecendo em silêncio e tinha os olhos postos no chão, todos cheios de lágrimas. E assim a refeição chegava ao término e eu, Hismínias, o arauto das Diásias, que estava agrinaldado de louro, que de início navegou de modo ilustre a partir de Eurícome, [15.2] que havia cavalgado majestosamente numa carruagem para Aulícome, que se reclinou de forma dispendiosa no repasto brilhante em casa de Sóstenes, agora reclinado à mesa de escravo com o bando de colegas escravos, e executo as tarefas dos escravos, e sou completamente um escravo, assumi a escravidão por inteiro e aparento todo o espírito escravo, despojado por completo, ó Zeus e deuses, a condição de arauto e de livre por inteiro.

[15.3] Ora, assim estavam os meus assuntos e assim cumpria a servidão, mas nem mesmo no meio dessas circunstâncias terríveis beneficiava do esquecimento de Hismine, minha diletta donzela, não, pelo terrível Eros, a fonte destes infortúnios.

[16.1] Chegou a ocasião das Diásias, e mesmo que Dafnépole não homenageie as Diásias e não celebre festival, não passou despercebida da minha atenção, iluminou a memória e despertou o lamento. Todavia, a Sorte invejou-me até isso. [16.2] Lamentava, mas foi um lamento sub-reptício; chorava e escondia os olhos dos senhores. <Re>primi a alma, voz, língua e lágrimas. O arauto que se tornou escravo, tendo elaborado um lamentável discurso, remodelava em mente Eurícome toda, Aulícome, a vara de arauto, o jardim de Sóstenes, o poço no jardim, [16.3] os pássaros nele, a águia dourada, Hismine a misturar o vinho, a provocar-me com paixão⁷⁵, a brincar com os meus pés, a gozar com as taças de vinho e tudo o quanto então (Ai, dos prazeres apaixonados como nos sonhos) jogávamos; e acima de tudo o mais “Hismine, minha amada”, sussurrava suavemente.

[16.4] No meio de tudo isso, a senhora aparece de repente e diz-me: “Por que estás tão encharcado de lágrimas? Olha o que está ao teu lado; tens-me a mim, tua senhora e escrava por paixão, como Hismine.” Eu não referindo nada, imediatamente levantei e, honrando a paixão por apenas Hismine, imaginei-a por inteiro.

[17.1] O quanto a senhora jogava comigo de modo apaixonado e se sentava proximamente e o quanto me injuriava ao senhor, e o quanto me reprimia com a mão e a cabeça, não seria para falar isso de língua, para que Eros, não conhecendo [face à língua] prostituída, me corrompa a alma, ou mesmo a própria língua, que guardaria para a donzela Hismine, cheia das graças apaixonadas e mel de Afrodite, que nós devorámos de forma insaciável somente com a língua.

[18.1] Então era época do festival e houve uma celebração brilhante na cidade de Dafnépole, e os assuntos do festival eram a fuga da donzela Dáfnis e a origem da planta com o mesmo nome, e o

⁷⁵ Cf. face à infidelidade conjugal, tida como uma “patologia” (νόστος) mormente feminina, E. *Andr.* 219-221.

festival e a celebração eram em tudo de Apolo. Com efeito, Dáfnis era uma donzela, e uma donzela bela; [18.2] Apolo apaixonou-se por ela, mas a donzela estremece com o abraço do deus e recusa o amor. Perturba a Terra, que tem pena da donzela e esconde na fuga; guarda a donzela e transforma na planta homónima. [18.3] Apolo faz uma grinalda da planta e consola a paixão. Por certo, perto da planta está um altar e uma cidade homónima, o altar é de Apolo e a cidade, Dafnépole.

[19.1] Tanto quanto a isso. Houve uma celebração em Dafnépole, e arautos em grinaldas a segurarem a vara de arauto de acordo com o oráculo. Apolo profetiza e declara o meu senhor arauto e um arauto brilhante para Artícome. Ele é coroado de louro e conduz uma procissão brilhante através do meio da ágora e é aclamado em triunfo pelo meio do teatro. [19.2] E havia uma multidão em redor do arauto, uma procissão brilhante e variada e tudo o mais que o encargo de arauto me proporcionava. Eu, havendo lembrado de tudo isso no meio do espetáculo brilhante e do rito brilhante cheio de graças e prazer, era dominado por lamentações e males e toda a alma como se com a memória tivesse sido atingida por um raio.

[19.3] Assim então, de forma tão brilhante, extravagante e honrada, o arauto e meu senhor chegou a casa, coroado com louro, adornado com uma túnica brilhante e sandália sagrada. [19.4] Então, depois daquela brilhante procissão que uma vez eu (Ai, pela Fortuna) conduzia a Eurícome, o arauto senta-se numa mesa brilhante com essa minha senhora, a cabeça coroada de louro e sendo um arauto da cabeça aos pés.

[20.1] No meio da mesa, a senhora diz: “Arauto, Apolo coroou de forma brilhante essa tua cabeça, que me pertence; tendo-te enviado [brilhante] para Artícome, e arauto do brilhante festival de Apolo: que as coisas te corram bem no caminho. [20.2] Que este nosso escravo, que a tua lança e nobre mão adquiriram, não siga contigo para Artícome. É que me parece inteligente de mente e sapiente na fala, mas estando todo carrancudo, lamentando incessantemente e em pranto. Ora, temi que ele tomasse alguma ação não boa para ti, uma vez que o escravo é hostil aos senhores.”

[20.3] E o senhor diz: “Mas, de acordo com a tragédia, ‘para os bons escravos é um infortúnio as circunstâncias dos senhores | caírem mal.’”⁷⁶ Já ela: “Mas ‘aos bons [escravos]’ — diz a tragédia —; este porém conta maravilhas sobre ter sido um arauto, elogia a família e a pátria, e tem logorria quanto a muitas outras.”

[21.1] E o senhor diz-me: “Se fosses um arauto, como afirmaste, tu também terias a cabeça coroada assim como eu?” Eu, todavia, “Mas tu, meu senhor arauto, poupa a minha língua havendo suscitado de modo precipitado ou impróprio. [21.2] Verdadeiramente, arranjei os pés e vesti uma túnica até os pés mais brilhante do que essa, porquanto [eu] era o arauto de Zeus, pai dos homens e dos deuses⁷⁷. Perdoa-me, senhor.”

[21.3] E o senhor diz à senhora: “Talvez ele já tenha sido arauto e livre, mesmo que a mão bárbara tenha reduzido à escravidão — (com efeito) a sorte, não o bom conselho, os assuntos⁷⁸ dos

⁷⁶ E. *Med.* 54-55.

⁷⁷ Vd. epíteto homérico.

⁷⁸ Entenda-se “governa os assuntos”.

mortais⁷⁹. Ora, se me acompanhasse a Artícome, talvez não fosse sem uso para mim quando eu arauto.” [21.4] Referiu isso, saiu da mesa e foi realizar a liturgia. Ademais, a cidade estava de novo feliz, outra vez tinha uma procissão brilhante e novamente um festival, uma vez mais cânticos e tudo o quanto traz honra a arautos.

Livro 9

[1.1] Assim então, fomos transportados com bastante brilho para Artícome. O arauto chegava a essa, e de novo houve uma procissão magnífica, mais uma vez uma multidão e hino a Diónisos, embelezamento das ruas, decorações das ágoras e grinaldas das donzelas. De facto, por isso, no respeitante ao domínio em causa, Artícome tem sorte, ao honrar a virgindade e tendo o altar da virgem Ártemis, <também> como adorno capitular. [1.2] Numerosos címbalos encantavam a audiência, a ornamentação das varandas a adocicar os olhos, gotas de rosas e todo o salpico de fragrância a deliciar o olfato, assim como uma multidão de brilhantes oradores tecia o discurso de entrada.

[2.1] Então o meu senhor, no meio dessa procissão brilhante e hino dionisíaco diversificado e extravagante, e como se o próprio Apolo estivesse a ser saudado em triunfo; ele avançou como se de característica supernublosa, erguendo a sobranceira para o próprio céu. [2.2] Quanto a mim, a lembrança conduzia-me para as profundezas do próprio Hades e enchia os olhos de lágrimas que derramam para o meio da minha alma. [2.3] Os principais cidadãos de Artícome procuram receber o arauto e cada um arrasta e puxa para tê-lo inteiramente para si próprio, e verifica-se uma nova disputa e luta pela hospitalidade; ao ver, dir-se-ia que uma “disputa é boa para mortais.”⁸⁰

[3.1] Sótrato vence a luta, e levando conduz a carruagem, transporta para casa o arauto, é tratado gentilmente com muita honra, como Sóstenes também cuidou de mim, Hismínias, de maneira extravagante, exceto pelo assunto de Hismine. Tudo isso atingia o meio da minha alma e orava para beber o copo do esquecimento. [3.2] O arauto deixava a vara de arauto completamente, um repasto dispendioso era preparado, e a donzela Ródope, filha de Sótrato, serve o vinho, em conformidade uma rapariga absolutamente bela, mas, diante da minha Hismine, aquela era como uma imitação face a Afrodite. Havia muitas variedades de iguarias na mesa, tantas que Sóstenes trata graciosamente os arautos.

[4.1] O meu olho direito altera-se com tudo isso⁸¹, e era para mim um bom sinal, bem como um presságio muito auspicioso. Então, se o vinho de Artícome era doce em comparação com

⁷⁹ Chaerem. fr. 2.1.

⁸⁰ Hes. *Op.* 24.

⁸¹ Cf. Theoc. 3.37.

o de Aulícome, pelos deuses, não soube. [4.2] Sótrato não tinha, como Sóstenes, Hismine para servir vinho, donde inferior a Sóstenes, e, portanto, o meu título de arauto tinha sido assim mais rico do que do senhor, que também mais infeliz.

[4.3] Então, depois das iguarias da mesa, da extravagância do simpósio e da extrema honra, Ródope mistura a taça de bebida do festival. Assim, o arauto, pela fortuna meu senhor, sentado brilhantemente nesta mesa eminentemente luxuosa, bebia, com prazer, como julgo, enquanto eu, que numa altura arauto, que estava sentado a uma mesa brilhante, que fora recebido com honra por Sóstenes, e para quem o vinho servido por Hismine, cuja simples visão é bem-aventurança, suporte trabalhos de escravos e sou inteiramente um servo; [4.4] e, se o simpósio não tivesse terminado, logo estaria completamente desfeito. Mas o arauto, levantando-se da mesa, foi para o quarto e repousou confortavelmente numa poltrona brilhante como a que Sóstenes uma vez preparou para mim.

[5.1] A filha de Sótrato, conforme a minha Hismine, vinha lavar os pés do arauto, e três servas acompanhavam, para ajudar no serviço. [5.2] Então, por um lado, Ródope lavava, por outro, eu, recordado dos cuidados sobre os meus pés pelas mãos e lábios daquela minha Hismine, pus em palavras um grande e extremo suspiro penoso a partir dos âmagos das minhas entranhas, e os olhos encheram-se de lágrimas. [5.3] Por mais, a serva que segurava nas mãos a toalha dos pés gemeu um pouco, como a imitar o som do eco, e suspirou delicadamente como Hismine quando pressionei o pé dela com o meu sob a mesa de Sóstenes. Então, olhei para ela atentamente e, por Hismine, julgava estar a olhar Hismine, ela, porém, olhava de modo mais forte.

[6.1] Quando a filha de Sótrato havia lavado os pés do arauto, saía e as criadas a seguiam, tendo ela saído, era como se eu mesmo estivesse a olhar Hismine. [6.2] Tendo eu passado a noite inteira em tormento de pensamentos “Certamente era Hismine? — dizendo face ao próprio — Mas foi arrancada de minhas mãos, e diante desses meus olhos lamentáveis foi lançada nas ondas pelas mãos do timoneiro carrasco. [6.3] Mas Zeus, mas Eros resgataram a rapariga e certamente Aulícome tem-na. Com efeito, não teriam salvado para o mal e a servidão.” [6.4] Imaginei-a completamente na mente e, tendo medido a noite em tais debates variados, levantei da poltrona não havendo vertido aos sonhos perto das pálpebras.

[7.1] Por conseguinte, o dia chega e aos males da noite um mal maior é adicionado para mim, e o infortúnio vem sobre mim. Novamente eu, Hismínias, suporte coisas de escravo e mais uma vez estou na servidão e inteiramente escravo, bem como três vezes escravo: escravo de Hismine devido a Eros, escravo de razoamentos pelos olhos, e graças à sorte, escravo do arauto. [7.2] De novo há um banquete dispendioso, e mais uma vez o arauto se senta com Sótrato, e uma vez mais Ródope verte o vinho, e mais uma vez a minha a memória luta com a minha alma, sitia-a inteiramente, conduz a Aulícome, é arrastada para Hismine e remodela para mim todo o período como arauto.

[8.1] No meio disso, a serviçal mais uma vez atende à senhora, e mais uma vez eu vejo a serviçal, e mais uma vez julgo contemplar Hismine. Ela olha-me com mais atenção e os olhos

enchem-se de lágrimas. [8.2] Eu cá, havendo saído da mesa, sento-me perto de um espesso loureiro (pois Sótrato tinha preparado as coisas da mesa perto do jardim) e, cheio de lágrimas nos olhos, tendo soltado um gemido profundo e lamentável: “Poupa-me, Zeus — referia —, cessa a minha longa caminhada, aplaca a minha severa tempestade. [8.3] Olha e de novo os espíritos me gozam, forjam Hismine, adornam de maneira apaixonada, colocam frente a mim e tiranizam os olhos e os juízos.”

[8.4] Afirmava isso, e uma criada, havendo-se postado diante de mim, diz: “Esta carta é para ti, da donzela Hismine, tua amada e agora minha companheira escrava”, e tendo colocado a carta na minha mão, saía a correr. Segurando isso eu e, tremendo, abri. Ela trazia assim:

[9.1] *DONZELA HISMINE PARA O AMADOR HISMÍNIAS, SAUDAÇÕES*

Hismínias, filho de Temisteu, fica a saber que um golfinho⁸² salvou a tua Hismine do mar e que a fonte e o arco de Ártemis, deusa virgem, guardaram-na virgem para ti. [9.2] Tu não voltaste ao esquecimento nem as muitas delícias apaixonadas em Aulícome, minha pátria, nem as em Eurícome, a tua pátria, nem que por tua causa rejeitei a pátria, as proles e todas as coisas brilhantes em casa e aventurei-me no mar e ondas, [9.3] por tua causa provada da amarga morte, e por fim cativa e agora escrava, como vês, mas no decurso de tudo inviolável quanto à virgindade. E agora navegarei contigo para Dafnépole como companheira escrava. Adeus, e mantendo os nossos acordos inviolados, preserva por tua vez a virgindade de modo casto.

[10.1] Assim trazia a cartinha, não acreditava no descrito, não rejeitava os factos, e desejando acreditar nos factos, não acreditava no que estava escrito. Com efeito, o escrito lutava por persuadir de que a servente era Hismine e a cartinha de Hismine. Na realidade, descrevia todo o nosso caso; mas a novidade e a magnitude da situação não me permitem acreditar no escrito. [10.2] Então havendo lido a carta duas e três vezes e beijado toda, saí do loureiro e, voltado para a mesa, contemplei mais atentamente a serva como Hismine, e contruí-a por inteiro; ela tendo-me olhado de volta, os olhos encheram-se de lágrimas.

[11.1] E portanto, o simpósio chegava ao término. Outrossim, o arauto, meu senhor, connosco, servos, fomos para o quarto. Hismine, como escrava, acompanhava Ródope; e assim separámo-nos uns dos outros. [11.2] E mais uma vez, um conjunto de pensamentos dividia a minha alma e, de novo havendo desdobrado o escrito, desenterrava o propósito e sentido como um cão laconiano⁸³, e rastreava por toda a missiva. [11.3] Então o arauto e meu senhor, reclinado numa poltrona brilhante, arranjada de modo macio, e comportando-se inteiramente como um arauto, até

⁸² Viajar sobre o dorso de um golfinho constitui um motivo de tradição clássica, com origem na condução de sacerdotes nas costas de Apolo na figura de delfim, qual iniciação do κοῦρος, “rapaz” (*h.Ap.* Vd. epíteto Δελφίνιος, “Delfínio”. Cf. festivais de Delfínio). Designadamente, veículo de transição entre morte e vida, na salvação de heróis epónimos como Falanto (Paus. 10.13.10), Icádio, Taras. Vd. Diónisos e golfinhos; Teseu no *Delphinion* (Plu. *Thes.* 14.1; Paus. 1.28.10). Cf. VILATTE, 1988; BEAULIEU, 2008.

⁸³ Cf. X. *Cyn.* 10.4-5.

à própria poltrona, entregou-se aos sons. Eu estando deitado no chão, conforme um escravo, com os companheiros escravos, não havendo permitido pelos razoamentos dormir; as coisas da noite eram para mim como o dia, no que diz respeito ao sono e à vigília

[12.1] No dia seguinte, o arauto vestido por completo do relativo ao embaixador, e tornado inteiramente arauto, foi ao templo de Ártemis. Eu fui deixado no quarto, tendo sentado perto da porta e desdobrado a carta, fixei os olhos por completo nos escritos e lavava todo o documento com lágrimas.

[12.2] Ródope, a de Sótrato⁸⁴, chegou ao jardim (de fato, era perto da porta junto à qual eu mesmo estava sentado) e, ao ter-me visto encharcado de lágrimas e a sentir como que pena, “O que sentes, jovem?” diz. Já eu: “Nenhuma outra coisa, senhora — face a ela —, mas que a partir de livre⁸⁵ sou escravo, e sinto-me mal a olhar o dia enquanto escravo.” [12.3] Ela procurava conhecer a minha família, pátria, e como me tornei escravo a partir de livre.

E eu diante dela: “Mas o choro antecede o meu discurso, senhora, atrapalha a minha língua, inunda a minha alma e inibe a minha voz inteiramente. [12.4] Com efeito, se queres observar um acaso na miséria, proporciono-te por inteiro em pessoa, completamente revestido de desgraça e transformado por força de fortuna toda desesperançada, e feito num bloco infortúnio.”

[13.1] Ródope procurava mais coisas a respeito de mim e como que importunava para aprender isso. Eu face a ela: “A minha pátria é Eurícome, o pai Temisteu e mãe Diantia, afortunados em todos os aspetos, exceto por ter-me como seu filho, que pois Eros, Destino e Posídon levam da boa fortuna para o infortúnio, de ser livre para escravo, e de arauto para tríplice escravo.

[13.2] Época das Diásias e eu arauto, ademais não para uma fortuita⁸⁶, mas para Aulícome. Então, como a divindade zombava de mim, planejando para mim procissões brilhantes e hinos dionisíacos dispendiosos, também seria supérfluo para mim dizer. [13.3] Venho como arauto de Aulícome, e sou gentilmente cuidado por Sóstenes, o cidadão conduz em primeiro lugar os assuntos dos em Aulícome⁸⁷. Tinha uma filha donzela, a ama das Graças, o cinto de Afrodite, engodo erótico e armadilha inelutável de Eros. [13.4] Por essa filha de Sóstenes apaixonei-me fervorosamente, embora sem atacarmos algo da virgindade. O pai anuncia o casamento da filha com outro, casamento que evitamos, não podendo suportar nem mesmo esse som, e repelimos o casamento. [13.5] Um navio ajuda à fuga e Posídon numa tempestade, bem como a mão do timoneiro, arrebatava aquela bela donzela destas mãos miseráveis.”

⁸⁴ Entenda-se “filha de Sótrato”.

⁸⁵ Entenda-se “homem livre”.

⁸⁶ Entenda-se “cidade fortuita”.

⁸⁷ Entenda-se “cidadãos em Aulícome”.

[14.1] Disse isso e, estando todo em perigo quanto à alma, e tornado de todo afônico, caí lamentavelmente no chão. Porém, as <criadas> em torno de Ródope, correndo para mim, cobrindo-me, levando-me para o quarto, estendem na poltrona do senhor, o arauto. [14.2] E Ródope havendo-se sentado na poltrona, juntava-me as mãos, enxugava os suores, chorava, compartilhava toda a minha desgraça, e convocava de volta a minha alma, unguindo as narinas, colocava a mão molhada no meu peito e secava em redor do meu coração.

[14.3] E finalmente, tendo dispensado as criadas, à exceção da criada como Hismine, e havendo recolhido completamente, beijou e, enquanto beijava, encheu-se de lágrimas quanto aos olhos e tendo suspirado fundo “Ó Fortuna — diz —, havendo transformado a vida ao mortal e alterado as naturezas! [14.4] O filho de Zeus, o tirano Eros, dominando as almas, que remove a liberdade e substituindo pela servidão.”. E procurava aprender o meu nome. Mas eu: “Ó senhora, a divindade também o removeu; [14.5] de facto, não poupou sequer o meu nome, mas quando fui feito de livre um escravo deu também em vez do mel da liberdade a amargura da escravidão, e trouxe escuridão em vez de luz, assim substituiu o meu nome helénico por bárbaro, e havendo-me chamado Artaque no lugar de Hismínias; e agora sou por inteiro escravo, quer no nome quer na ação.”

[15.1] Falei isso, e vejo a criada similar a Hismine a lamentar e toda molhada em lágrimas. E Ródope “Qual é o problema, criada?” diz. Contudo ela: “É meu próprio irmão — diz — este jovem, senhora.”⁸⁸ E tendo-me abraçado, beijava e retorcia-me por inteiro. [15.2] E eu beijava de volta a abraçar, “Ó Hismine — dizendo —, minha irmã.” Por seu turno, ela “Ó meu próprio irmão” e beijava-me novamente. Com dificuldade rompemos então o nosso abraço, confiados na falsificação; e Ródope entrançava-me e beijava, após dizer: “Beijo-te de carinho e abraço por amor fraternal.”

[15.3] Tendo uma criada chegado ao quarto, diz: “Senhora, o teu pai Sóstrato e o arauto, senhor deste homem, regressam do altar.” Então, Ródope foi para o jardim com Hismine, a minha aparente irmã e sua escrava, seguindo no modo servil. Eu levantei da poltrona e, como era adequado, sentei no chão e nas pedras.

[16.1] O senhor chegou, eu levantei; e mantemos as atividades, ele dos senhores, eu porém dos escravos. Mais uma vez uma mesa dispendiosa e de novo o arauto, o senhor, na mesa, e mais uma vez eu, o escravo, sob o senhor, e totalmente sob o arauto. Uma vez mais Ródope verte o vinho, de novo eu sento ao lado do loureiro. [16.2] Alegro-me ao ver Hismine como Hismine, mas sinto dor de alma, sitio toda a mente e eu sou dividido por variegados razoamentos.

No meio destes a filha de Sóstenes, a escrava de Ródope pela Fortuna, minha senhora devido a Eros e agora irmã graças à ficção, Hismine, a luz dos meus olhos, a quem a paixão me

⁸⁸ Cf. *topos*, Hld. 1.22.2, 1.25.6, 5.26.3, 7.13.1, 7.26.5. Vd. *Gen.* 20:2, com Abraão e Sara.

escravizou em Artícome, vem para o loureiro, senta próximo de mim, beija desinibidamente, ri enquanto beija e diz enquanto ri: “Beijo-te como irmão e abraço como amador. [16.3] Mas quanto a ti este beijo não é meu; não é de mim, amado, face ao meu amador, nem de uma irmã para o irmão, do escravo amador da senhora.

[16.4] Ródope, minha senhora, ama-te. Eu sou a alcoviteira, e o beijo a missiva. Contudo, tu não meças o meu amor pelos acasos, ao buscar a liberdade não te tornes escravo pelo amor da Ródope livre, nem escravizes a alma fugindo da servidão do corpo, não percas o teu amor por mim, Hismine.

[16.5] Pois se a beleza do meu rosto murchasse conforme uma rosa lócria⁸⁹, porém a beleza da minha virgindade é imperecível. Mesmo sendo escrava quanto ao corpo, a liberdade da alma é ilimitada. Se sou escrava agora por tua causa, e prisioneira antes de ser escrava, e antes nas mãos de bárbaros, fui lançada ao mar, a minha língua não recusaria mencioná-lo.”

[17.1] Isto Hismine dizia de modo arrebatado, com lágrimas. Eu cá para ela: “Hismine”, e enquanto falava beijei, e enquanto beijava chorei, e tendo chorando, “Hismine — digo mais uma vez —, eu sou escravo por tua causa; e alegre-me por compartilhar a servidão contigo, porque compartilhei a liberdade contigo de modo apaixonado; e oraria para morrer um escravo com Hismine ao invés de ser livre e imortal com Ródope⁹⁰. [17.2] Mas quem te resgatou da profundidade do mar? Quem te trouxe a esta Artícome?”

Mas ela: “Agora não é ocasião para isso. Eu sou Hismine, e vivo, mesmo que prisioneira por tua causa e agora uma escrava, como vês. [17.3] A minha senhora, embora seja uma senhora, no entanto, sofreu de paixão e tornou-se tua escrava por paixão, e confia-me as emoções, buscando apaixonadamente Hismínias, o irmão da escrava Hismine. Apesar de ser uma senhora, ela está ao serviço dos Amores.

[18.1] Afirmava isso e beijava-me uma vez mais, e uma vez mais “Não são meus estes — diz — beijos para ti, porém transmito-te os beijos da minha senhora Ródope, que sirvo de modo escravo.” E eu para ela: “Tu és realmente a minha Hismine. Beijo-te os lábios, mesmo que de uma companheira escrava, mesmo que irmã, mesmo que seja amada. [18.2] E beijo os beijos, salvo não como beijos de Ródope, mas como de Hismine, que Zeus me prometeu em casamento, que Eros colocou nesta minha mão direita, que Posídon arrancou e agora de novo o suserano Eros contrasta.

⁸⁹ Lyc. 1429.

⁹⁰ *Mutatis mutandis*, um certo paralelismo épico. De facto, a obtenção de imortalidade pelos mortais humanos (cf. D258), apenas por lembrança ou divinização (cf. Heraclit. fr. B 62 in Pl. *Leg.* 1.108). Neste sentido, considere-se a imortalidade escolhida por Aquiles (Il. 9.412-416) através da obtenção de κλέος, “glória” e τιμή, “honra” decorrente de ἀρετή, “valor” em façanhas bélicas (vd. Simon. *AP* 253). Para mais, as ofertas de imortalidade a Ulisses por Circe, (*Od.* 5.135-136) e Calipso (*Od.* 7.257), caso permanecesse com cada uma delas. Cf., numa fase inicial, Tântalo, entre os divinos (Pi. *O.* 1.54-55); Ganimedes, *Il.* 20.232-235; Títono, *Il.* 11.1-2. Vd. MICHELAKIS, 2007.

Fora com Ródope, a paixão de Ródope e qualquer outra donzela que os Eroles jogam neste teu Hismínias.”

[19.1] Ela diz-me: “Apesar de não amares, apesar de rejeitares a paixão, apesar de cuidares dos acordos, finge porém estar apaixonado por mim e escolhe-me como amante; e talvez as coisas da ficção não sejam inúteis e sem resultados para nós. De facto, se nada mais, contudo, de maneira verdadeira, como escrava, juntar-me-ei a ti, como irmã abraçarei, e como a alcoviteira vou mandar-te beijos.”

[19.2] Eu perante ela: “Para que não seja falso com a tua paixão e guarde aqueles muitos votos assertivos, que os deuses fiquem como testemunhas⁹¹. Vê, sigo com o teu fingimento e faço de teu irmão, todavia deixo de ser teu amador e assumo ser amante de Ródope. [19.3] Já tu, transmite-me beijos e outra coisa se for mais apaixonada do que eles. Eu irei beijar Ródope nestes teus lábios e noutros [lugares] similares onde os cachos de uvas da paixão estejam a ser colhidos, e apanharei essa videira toda, guardando a virgindade desta minha Hismine imaculada e assertiva até pelos beijos.” A abraçar e beijando toda a Hismine, “Não para ti — afirmo — esses beijos dou, mas eu envio-os para a tua senhora Ródope através desses teus lábios.”

[20.1] Ela, como se transportasse, afastou-se do loureiro, aproximou-se de Ródope, tendo-lhe também sussurrado. Igualmente, eu deixei o louro, havendo-a antes abençoado, apelidando de verdadeiro louro dourado, semente de Apolo, descendente da terra, monumento de Afrodite e consolo de Eros. [20.2] Então Ródope tinha Hismine como meio termo na paixão e julgava que por esse meio a paixão progrediria. Eu cá tinha-a como termo completo <para a> paixão e reuniu no centro da minha alma toda a paixão de Hismine.

[21.1] Então, era assim que a refeição procedia para mim, de maneira apaixonada, e portanto o simpósio chegava a término. E o arauto, meu senhor, foi para o quarto, estava deitado e rapidamente entregava-se aos sonos após a refeição dispendiosa. [21.2] Eu fui para o jardim. E mais uma vez Hismine presta serviço à senhora no tocante à paixão e mais uma vez chega para a paixão da senhora; de novo abraça o irmão, de novo beija, de novo alcovita, de novo manda beijos. [21.3] E eu retribuo os beijos, abraço, faço de irmão, finjo ser amante de Ródope e retribuo beijos; tenho Hismine a servir e visivelmente roubo a paixão por inteiro.

[22.1] Ela diz-me: “Esta cartinha é para ti proveniente da minha senhora Ródope” e colocou na minha mão. E eu face a ela: “Hismine, adquire-te como única senhora, a partir de Eros, fui vendido apenas para o teu amor, estou submetido ao teu ornamento, e torno-me escravo de Eros; ademais, o meu vínculo de escravidão é agridoce⁹², inapagável. [22.2] Tu és o ácido pelo qual sou purgado do ofício de arauto; tu és o ladrão que me privou pelo roubo da virgindade por

⁹¹ Cf. *Il.* 7.76; *Od.* 1.273.

⁹² Cf. *Sapph.* Safo 40 Bergk.

completo; por ti, destruidora de cidades⁹³, fui arrebatado por completo da pátria com os pais; então prisioneiro e agora escravo, como vês. Tudo isso saúdo sofrendo, porque para mim Eros resgatou-te, minha Hismine, de novo, por prodígio, a partir do Hades. [22.3] Rejeito tanto quanto à ficção relativamente à paixão por Ródope e encenação; com efeito, só a ti, Hismine, e às tuas graças votei os olhos por inteiro.”

[22.4] Ela diz-me: “Mesmo que os teus beijos estejam cheios de paixão, mesmo que tragas a boca como uma colmeia, mesmo que pingues mel em mim, contudo não respeito a paixão só por palavra, pois odeio o lucro que o dano me causa. [22.5] Com efeito, tu, de arauto e livre, escravo e infeliz; que também eu sou escrava, isso podes ver claramente; se a partir de livres, se a partir de ter sorte, está no poder da tua língua falar. Ródope é minha senhora e pode salvar e conceder a liberdade.”

[23.1] Eu digo-lhe: “Mesmo que o sexo feminino seja mais ardente, e mutável por natureza, no entanto, conforme a tragédia, ‘<mas> quando prejudicada em autoridade no leito conjugal, | não há outra mente mais sanguinária.’”⁹⁴. [23.2] Mas ela, havendo afastado o carrilho um pouco: “Bênçãos da minha parte — diz — para a constância dos homens e mais frio diante do calor da paixão. ‘De facto, por que isso me faz sofrer, quando morrendo pelo discurso, | fui salva pelos atos e apresento glória?’”⁹⁵

Livro 10

[1.1] Hismine disse tudo isso com profunda emoção, e tendo-se agarrado a mim, beijou, “Hismínias, — havendo dito — salva a tua Hismine, e antes dela, a ti, o meu Hismínias.”. Beijou-me novamente e enquanto beijava, perturbava-me: “Confia — havia afirmado — não me faças pensar que finges que não desejas fazer de amador.”

Por conseguinte, obedeço e abro a pequena missiva; é assim:

[2.1] *DONZELA RÓDOPE, FILHA DE SÓSTRATO AO AMADO HISMÍNIAS SAUDAÇÕES*

Hismínias, que eu sou afortunada na pátria, família e o quanto mais que se considera boa fortuna, tens aprendido a partir de muito; por certo, as circunstâncias apresentam-te isso. Que mantive inviolável

⁹³ Cf. epítetos de Helena, A. Ag. 689–90: ἑλένας, ἑλανδρος, ἐλέπτολις, “destruidora de navio, destruidora de homem, destruidora de cidade”. Vd. ἐλέπτολις, “destruidora de cidades”, artefacto bélico inventado pelo engenheiro de Filipe Políido da Tessália, durante o cerco de Bizâncio de 340 a.C., desenvolvido por Demétrio da Macedónia e Epímaco de Atenas. Cf. Plu. *Demetr.* 20.

⁹⁴ E. *Med.* 265–266.

⁹⁵ S. *El.* 59–60.

todo o tesouro da virgindade, e inclusive dos olhos, a fonte e o arco de Ártemis são a minha reprovação mais manifesta.

[2.2] *Tu, mesmo sendo escravo (mas não fiques desagradado comigo pela palavra), limpaste toda a minha alma com as fontes de Afrodite e perfuraste através de dardos de paixões. Então, apesar de eu ser donzela, apesar de afortunada, apesar de muito famosa, tudo isso trocaria pelo teu amor apaixonado e esta minha gloriosa pátria de Artícome pela tua Eurícome, que não vi, [2.3] concedendo-te liberdade a partir da bolsa volumosa e desta minha mão, que te escreve a cartinha. Por este escrito tens livre Hismine, minha criada e tua irmã. Adeus, enquanto trocas a escravidão pelo casamento com Ródope.*

[3.1] Em conformidade, assim que tomei conhecimento da epístola, digo a Hismine: “O que quer que penses dizer para agrado de Ródope, diz isso como por minha voz. Se procura ser beijada, terás beijado e tratado com beijos os tantos quantos trazes destes meus lábios muitos armazenados na tua boca. [3.2] Porém, se não se contenta apenas com beijos nem a paixão é amenizada nos lábios, mas, como as palmeiras femininas⁹⁶, ela busca um galho da palmeira masculina para o centro da sua alma, demonstrarei contigo, transmitindo isso a Ródope.”

[4.1] Isto eu para Hismine, e mais uma vez a abraçar e tendo-a beijado. E ela correu para Ródope, eu me apressei-me para o quarto e, deitado no chão de maneira servil, ofereci-me aos sonos, havendo obedecido à noite. [4.2] E uma vez mais, em todos esses parecia ver Hismine e jogava com ela. Pois assim como a mente do faminto imagina pão, e a água é o sonho do sequioso, assim para uma alma apaixonada tudo face à paixão — forma-se na mente, considerações, visões em sonos. [4.3] A noite passou, os sonos seguiam-se a noite, e os sonhos seguiram-se aos sonos. E de novo a luz chegou e a doçura do dia irradiou. Eu levantei do colchão, ocupei-me com o nosso senhor, outrossim cumprindo.

[5.1] Sótrato chega e diz: “Tu, olha, arauto, toda a cidade de Artícome está às portas pretendendo navegar contigo para Dafnépole. Tu, veste-me ^o7 de arauto e torna-me arauto por completo.” O arauto, grinalda à cabeça, arranja-se com a túnica e a sandália, e tendo colocado ^o8 de arauto sai do quarto. [5.2] E novamente a cidade alvoroçada e mais uma vez a multidão dança e prepara uma escolta brilhante para o arauto, tão extravagante como a entrada também prepara a despedida. E avancei para o meio, entrando a bordo do navio, saímos e chegámos a Dafnépole.

[6.1] O arauto, também meu senhor, com os que haviam navegado a partir de Artícome, foi ao altar do Dáfnio⁹⁹, de costume para os arautos. Eu, com aqueles de nós que navegamos

⁹⁶ Vd. (Ps.) Arist. Περὶ Φυτῶν 1.6 a respeito de palmeiras macho e fêmea.

⁹⁷ Entenda-se “o traje”.

⁹⁸ Entenda-se “o traje”.

⁹⁹ Epíteto de Apolo (δαφναῖος, “louro”), por referência a Dáfnis (δάφνη, “louro”. Δάφνη, “Dáfnis”). Eis pois o loureiro, árvore consignada a Apolo, presente nas imediações de templos, lembrando a metamorfose de Dáfnis no episódio de repulsa pela paixão de Apolo (Ov. *Met.* 1.452-567).

com o arauto desde Artícome, fui para a casa do meu senhor. [6.2] E uma vez mais a senhora importunada comigo, o escravo, ficou outrossim como que frenética com as paixões. Portanto, havendo-me retorcido desavergonhadamente, lutava por beijar-me. [6.3] Eu, tendo coberto o rosto completamente por respeito, também tinha vergonha, pelos deuses, da minha senhora, que estava a oprimir, e da escrava Hismine, bem como da sua Castidade.

[6.4] Mas a senhora arrastava-me pela túnica, contudo eu, o escravo, não suportava ser arrastado, mas resistia completamente. Ademais, havia uma estranha disputa entre senhora e escravo. De facto, eu, o escravo, lutava para manter a castidade livre, porém a minha senhora estava escravizada a Eros e procurava poder desfazer-se inteiramente da liberdade¹⁰⁰. [6.5] Mas alguém voltou do altar e disse: “O senhor, ó senhora” e com o discurso, a senhora foi até a porta, havendo também empurrado a mim mesmo das suas mãos, como de bárbaros. E lembrei-me de versos, e declamei tragicamente isso de maneira adequada, afirmando “Ó senhora do mar, Cípria¹⁰¹, como podem | olhar sobre os rostos das esposas?”¹⁰²

[7.1] O arauto chegou, seguia-se por Sótrato e a filha de Sótrato, apoiada na mão de Hismine. Colocava-se uma mesa muito dispendiosa, o arauto também se reclinava de modo brilhante e dispendioso, tendo primeiro removido tudo o de arauto, e a senhora abraçava o arauto desavergonhadamente e Sótrato reclinava-se <outrossim> com Ródope.

[7.2] E a refeição era extravagante. Eu, o escravo Hismínias, sou exortado a derramar o vinho para os meus senhores e para Sótrato, o pai de Ródope. Hismine serve bebida a Ródope, para que a castidade da virgindade não fosse manchada sequer pela taça ou pela mão. [7.3] Assim, nós estávamos misturados em jeito apaixonado e partilhámos amor por inteiro que também compartilhámos a servidão ao ter executado a liturgia.

[8.1] Então a minha senhora, inscrita no serviço de Eros, jogava comigo por meio da taça e excitava-se, ou melhor, os Eroles excitam-na, em mim e nas taças. [8.2] De facto, ora pressionava o meu dedo, ora arrastava a minha mão inteira com a taça mas jogava de quaisquer outras formas, ou era jogada pelos Eroles. Desse modo, fugindo de tudo isso como de fogo, em pessoa brincava com a colega servente de vinho, Hismine, trocando as coisas dos jogos da senhora pela escrava. [8.3] Ródope aprovava isso e permitia jogar com a escrava como se ela mesma pensasse que através dela jogava. Olhando face a isso, eu próprio tinha sobretudo Ródope como escrava de Hismine, porquanto serve a paixão. E assim o simpósio chegava ao término em jogos, em paixões, em dispendiosas delicadezas, e as coisas dos serviços desfaziavam-se para nós.

[9.1] Hismine seguia Ródope, saía com ela e ambas vieram para quarto que o meu senhor atribuía a Sótrato, decorado de modo brilhante e extravagante. [9.2] Eu fui para o quarto dos

¹⁰⁰ Cf. *mutatis mutandis* mulher de Potifar e José, *Gen.* 39.6-20

¹⁰¹ Afrodite.

¹⁰² E. *Hipp.* 415-416.

servos, com uma horda de companheiros escravos, havendo tomado o meu lugar com os escravos, jantando com eles e por fim adormecendo. [9.3] Pela terceira vigília da noite Sótrato, com Ródope e os meus senhores vão manter vigília no altar, porém, Hismine e eu, tendo seguido os nossos senhores conforme escravos, vimos outrossim com os senhores para o altar, a trípole e o loureiro.

[10.1] Havia um barulho no altar, um grito misturando murmúrio de vozes e ruído indistinto; lamento e pranto aumentaram no ar. Temisteu, meu pai, e Sóstenes, o pai de Hismine, comandam as lamentações, enquanto as nossas mães, a pedra, que dizem, que movem da linha face ao choro¹⁰³, [10.2] algo que não dissessem, algo que não fizessem até para arrastar para a pena, para trazer compaixão; lamentáveis quanto à aparência, mais lamentáveis quanto à língua, mais dolorosas do que o alcião, mais chorosas do que o rouxinol¹⁰⁴, a imitem o profuso choro de Níobe¹⁰⁵, havendo rivalizado face à tristeza [10.3] e ambas havendo vencido, mas ambas derrotadas, ambas tendo rasgado as roupas, ambas a dobrarem as bochechas, ambas a baterem nos seios, ambas a terem cortado o cabelo da cabeça para cobertura de luto¹⁰⁶, e ambas salpicadas de poeira.

[10.4] De facto, “Apolo, Apolo”, gritava a minha mãe em angústia, com lamentos como um Coribante¹⁰⁷ e num furor de lágrimas: “Febo Apolo, morro. Arrancada do cacho de cabelo de toda a minha família. [10.5] O meu filho era um prado florido e eu jardineira cuidei, mas fui lamentavelmente roubada dele inteiramente com essas plantas, com essas flores. [10.6] Uma primavera a pingar mel era aquele lindo filho para mim, e eu roubada de toda; estava ressecada por completo e sou toda uma colmeia de absinto, totalmente amargurada pela circunstância.

[10.7] O porto seguro para mim era o filho Hismínias, e eu estava como um navio; atracava em porto calmo, sentava-me intocada pelas ondas; agora o porto em lugar nenhum e eu um navio em mar aberto, sou batida pelas ondas. [10.8] Tinha um filho como o sol, e agora que o filho se perdeu, eu sou uma mãe sem sol; e troco pela ciméria¹⁰⁸ a muita paixão ensolarada daquela Eurícome. [10.9] Aquela minha criança foi uma estrela brilhante para mim, mas desapareceu, e uma

¹⁰³ Máxima denotativa de esforço. Cf. Theoc. 6.18.

¹⁰⁴ Cf. Procne (πρόκνη, “rouxinol”), Alcíone (ἀλκυόνη, “alcíone”). Considere-se mito de Tereu, Procne e Filomela, em Apollod. 3.14.8. Vd. *Il.* 9.563; Ant. Lib. 11.

¹⁰⁵ Cf. Níobe, castigada (A. fr. 154a Radt) na sequência de uma atitude hubristica, vangloriando-se da superioridade da sua vasta prole. Deploração extrema de Níobe, combinando o desejo de lamentar para todo o sempre tamanha dor, com a ânsia de pôr cobro ao sofrimento e atingir um estado de insensibilidade. Conformava-se assim uma experiência de morte em vida (cf. Arist. *EN* 1148a), que encontraria prolongamento na sua metamorfose (e consequente imortalidade) em rocha (e.g. *Il.* 24.603-617; Apollod. 3.5.6; Ov. *Met.* 6.155; Paus. 8.2). Vd. suicídio, *Schol. ad E. Ph.* 159. Com contornos idênticos, o repasto vingativo de Procne (*topos* de manjar ímpio), face ao esposo, Pandíon de Atenas, incapaz de corresponder à hospitalidade do seu sogro; de retribuir a *philia* conjugal e de refrear o seu desejo sexual perante a jovem cunhada Filomela (Apollod. 3.14.8). Cf. VAN HOOFF, 1990.

¹⁰⁶ Cf. E. *Alc.* 512, *Or.* 458.

¹⁰⁷ Sacerdote de Cibele, Frígia. Cf. deuses menores.

¹⁰⁸ Cf. *Od.* 11.14-19.

noite sem lua cobriu-me a mim, a mãe. Aquela criança era a minha luz, mas ele foi extinto e agora eu viajo na treva.

[10.10] Apolo, o teu pai Zeus havendo coroado com louro manda-o como um arauto brilhante para a arruinada Aulícome. E a minha alegria maternal alcançava as alturas do céu, mas agora a minha miséria até os portões do Hades. [10.11] O arauto é um fugitivo, o senhor é um fugitivo, o casto é prisioneiro de Eros, e acima de tudo isso eu lamento a criança e deploro sobretudo a mãe.

Mas, filho, arauto e senhor, como irei lamentar-te? Como te coroarei com lágrimas? [10.12] Como um cadáver? Mas talvez Zeus tenha conservado o meu filho seguro para mim, tua mãe, e talvez estejas vivo, mas talvez sejas um prisioneiro e filelénico, o arauto e senhor de muitos.

[10.13] Mas, ó trípode, louro, e acima disso, profético Apolo, recebe estas minhas ofertas e, além disso, pelo choro, pronuncia também coisas sobre o meu filho. E que este pronunciamento não me seja muito pouco auspicioso, mas muito auspicioso. [10.14] Apolo dos caracóis não tosados¹⁰⁹, tem pena da minha lamentavelmente raspada cabeça; Apolo Dáfnio, poupa o filho Hismínias, cuja cabeça já foi gloriosamente coroada com o teu louro, e agora cobre minha lamentável cabeça com a capa de Hades¹¹⁰.”

[11.1] Tudo isso e mais Diantia, minha mãe, lamentavelmente declamava em extremo numa maneira trágica, era devastada conforme um mar de lágrimas e inundava todo o santuário. Pantia, mãe da minha Hismine, enviava lamentação amarga: “Ai de mim, filha Hismine — havendo dito incessantemente —, perdeste-te destas minhas miseráveis mãos e destruíste a tua mãe. [11.2] Como um pássaro bem plumado, saíste e voaste destas minhas mãos lamentáveis. Mas, oh, aquela plumagem selvagem que apagou a minha lucerna!

Tu eras o meu aposento e a morada virginal de bronze¹¹¹, mas — Ai de mim, filha Hismine —, com esse aposento e essa morada virginal, estou privada de ti, donzela. [11.3] Hismine, tu eras para mim o cipreste de folhagem frondosa que plantei no meio da minha alma, acariciando-o com orvalho virginal e todas as outras coisas boas; mas Tifonte¹¹², soprando de Eurícome, arrancou-te pela raiz.

[11.4] Aquele não era arauto, mas uma fera selvagem, que agarrou a minha Hismine destas mãos lamentáveis e dos meus próprios braços, e devastou todo o meu tesouro familiar, ceifou-me o milho, colheu o cacho de uvas e arrancou a rosa. [11.5] Coroada, a besta veio para Aulícome, e deixou a minha cabeça sem adorno, tendo retirado a minha grinalda; assumiu a forma de inteiramente casto

¹⁰⁹ Cf. *Il.* 20.39; *h.Ap.* 134; *Pi.* P. 3.14, *Is.* 7.

¹¹⁰ Vd. “invisibilidade”, *Il.* 5.845.

¹¹¹ Cf. *S. Ant.* 944-947.

¹¹² Tradicionalmente, furacão. Vd. *Hes. Th.* 869.

e traiçoeiramente arrastou a minha donzela. [11.6] Lançou um dardo na alma e agora sofro dor quanto ao íntimo profundo. Um zangão rude de Eurícome tomou a minha Hismine, a minha doce abelha, e encheu a minha alma inteira com absinto.

[11.7] Uma grande águia selvagem arrebatou os sacrifícios para ti, a filha, a partir das minhas mãos e do meio da pira, e era um sinal não bom para mim. E agora os registos de Zeus tornaram-se efetivos. [11.8] Tu foste a minha fonte de doçura, havendo adoçado o amargor da minha velhice¹¹³; mas uma vala a partir de Eurícome desvia-te para um outro canal e a minha alma tem sede de ti e a minha boca procura-te como uma fonte de bom curso.

[11.9] Mas, ó filha Hismine, como te lamentarei? Como te chorarei lamentavelmente? Como cadáver? Mas em que lugar da terra prestarás honras fúnebres? Que túmulo te cobre e esconde toda a fonte das graças? Mas a morte poupou a tua juventude, e quero saber que cidade te tem, minha Hismine, donzela, adorável donzela.¹¹⁴

[11.10] Mas aquele tirano, mas o ousado, que zombando do aparato de arauto, havendo fingido isso por inteiro, desproveu a tua virgindade. Oh, temível dano, oh, má fortuna minha, oh, protetor que não protegeu, oh, besta traiçoeira aquele que roubou furtivamente e raptou com crueldade. [11.11] Mas, ó fonte que dá a língua e louro que profetiza, e acima de tudo Febo Apolo, recebe estas miseráveis ofertas que Pantia, mãe patética, derrama em libação por Hismine, filha miserável.”

[12.1] As mães lamentavam isso de forma dolorosa e deveras lamentável; porém os pais soavam com mais lamento e batiam no peito: “Ó crianças, estais destruídas — dizendo —, todavia nós ficámos destruídos convosco. [12.2] Eros fez campanha contra vós e sitiou os nossos corações. Eros arrebatou a púrpura da vossa virgindade e nós fomos separados conforme uma concha de crustáceo. [12.3] Eros consumiu o fervor da vossa juventude com o seu fogo de paixão e queimou as entranhas idosas dos vossos pais até às profundezas e incinerou-nos.

[12.4] Eros, filho de Zeus, faz campanha contra o pai no meio do festival de Zeus, no meio do rito de Zeus e nas próprias Diásias; e toma o arauto como saque, espolia a virgindade, sitia todo o recinto virginal, e saqueia todas as nossas almas. [12.5] Coroámos as cabeças das nossas crianças com este seu louro, Apolo, mas Eros removeu as coroas e coroou as nossas cabeças paternas com cinzas.¹¹⁵ [12.6] Apolo, Apolo, tem piedade deste nosso cabelo cinzento e toma o nosso lado com o pai contra o jovem patricida. Aceita estas libações suplicantes que os pais vertem para ti em favor dos jovens destruídos no primor da primavera, no prado não ceifado e no centro da juventude.”

[13.1] Isso as nossas mães, isso os nossos pais. Quem assistiu, sentiu dor em toda a alma, os olhos encheram-se de lágrimas, soltou o pranto. Havendo eu ido até Hismine e arrastei-a pela

¹¹³ Cf. *AG* 5.285.3-4.

¹¹⁴ Cf. *E. IA* 1574.

¹¹⁵ E.g. *E. Supp.* 826-827. Cf. *2 Rg.* 13:19.

mão, “Hismine — dizendo —, vês?” Já ela “Mas não abraçaremos as mães?” diz. [13.2] Eu cá “Mas sê paciente”, referi, “esperemos pelo oráculo.”

E a água respinga, a trípode soa, o louro vatídico estremece e parece como se uma brisa esteja a passar por todo ele. [13.3] Os criados estão possuídos por um deus, e Febo profetiza, pronuncia o oráculo, vaticina e prediz o futuro. E era o oráculo que nos devolvia a nós, jovens, aos progenitores, tendo também aprovado o casamento.

Diante disso, a audiência treme, as mães lamentam de prazer, os pais dançam diante do altar, e nós, com as mãos dadas uns aos outros, prostramo-nos aos pés de Febo. [13.4] As mães correm para nós, agarram, abraçam, envolvem, beijam, pranteiam e mantêm-se junto, inseparavelmente. Os pais, por sua vez, puxam-nos, os filhos, como se dividindo a nossa alma por inteiro entre si. [13.5] Erguem-se péanes de graças, hinos de agradecimento cantam-se, aplaudem a salvação. A multidão alegra-se, louva Apolo e nós somos coroados com louro.

[14.1] O arauto, meu antigo senhor, e Sótrato, o pai de Ródope, colocam-se sobre nós. Arrancam as grinaldas, antecipam a língua implacavelmente, movem-na maus agouros; [14.2] insultam o sacerdote, discursam contra nós, que nos tinham resgatado de uma horda de bárbaros, escravizados a eles de acordo com a lei militar.

O sacerdote, coroando-nos, diz-lhes: “Vós tendes legislações com justiça quando tratais como escravos os helenos! Regurgitava piedade quando escravizais os arautos! [14.3] Apolo dá um oráculo e purifica de faltas a liberdade para os livres, aos quais a lei dos helenos primeiramente e a própria natureza concederam liberdade; vós pronunciai outro oráculo, fazei outras leis, escravizando os livres.”. [14.4] Já eles: “Nós não — exprimem — fazemos outras leis, mas a espada e a lei militar escravizaram-nos.” E arrastavam-nos, mas não ausentámos dos pés de Febo.

[15.1] E de novo as mães lamentavam, os pais desaprovavam com língua e lágrimas. E o sacerdote lutava com as mãos e, não conseguindo persuadir, tirou a grinalda da cabeça, despiu a túnica, retirou as sandálias e, tendo subido à tribuna, refere em tom¹¹⁶ estentóreo para a multidão, [15.2] “Por que razão corres acompanhado de muito homem para o altar de Apolo Dáfio em vão? Por que inoportunas o Atirador distante¹¹⁷ para proferir oráculos? Tu tens estes augustos legisladores a pronunciar oráculos. Chega para ti de oráculos, ó Febo Apolo¹¹⁸, chega das tuas profecias, chega das tuas grinaldas.”

[15.3] A multidão, em alvoroço face a isso, corre para os nossos captores. Eles de imediato agarram-se aos pés de Febo connosco, como correndo a ele pelas almas, rogam ao sacerdote, fazem

¹¹⁶ Cf. *Il.* 5.785.

¹¹⁷ Epíteto de Apolo.

¹¹⁸ Epíteto de Apolo (e.g. *Il.* 1.14, 96).

súplicas a Apolo, “Perdoa — dizendo —, Apolo, a nossa mente e palavra”, proclamam-nos livres, procurando libertar as suas próprias almas.

[15.4] De novo nós somos coroados, inscritos como em liberdade e restaurados aos pais. Eles, totalmente maravilhados com alegria e deleite, oferecem sacrifícios pela salvação e sobrevivência das crianças, entoam cânticos místicos e dançam epinícios. Nós dançamos com eles e erguemos o péan mais delicioso à liberdade.

[16.1] A ocasião do jantar chama, recebemos o sacerdote e a refeição é muito abundante. Então, Hismine, por vergonha, manteve os seus olhos no chão e não prestava atenção às comidas, nem mesmo com os seus lábios. Eu, como um vitorioso olímpico devido ao deleite e alegria, detinha olhos e mãos na mesa, gratifiquei boca e garganta com as comidas e tumultuava esse casamento com toda a mente.

[16.2] Então, depois de alimentos variados e extravagantes, o sacerdote, tendo-se levantado da mesa e vestido a túnica, descoberto os braços, serviu-nos bebida, “Isto é a bebida — dizendo — do Salvador Apolo”. [16.3] Então, os nossos pais bebem, e depois deles as nossas mães, “Graças a ti — dizendo —, Apolo, por este belo encargo que nos concedeste nos nossos filhos.” [16.4] E depois deles trouxe a taça para nós, “Apolo — dizendo — partilha a taça convosco, ele que também aprecia o casamento nos oráculos, concede liberdade e se comunique toda a vida.”

[17.1] Havendo dito isso, reclinou-se e novamente “A nós — diz —, noivo Hismínias (de facto, esta denominação Apolo concedeu-te ao oraculizar), não prives em contar todos os vossos acontecimentos desde o início até ao fim.”¹¹⁹ [17.2] Eu, face a ele: “Acendes-me taças inteiras de fogo e abres-me um formigueiro de tragédias”. Contudo, ele “Mas não me poupes — diz — nada, por Apolo, pela liberdade dela e o casamento brilhante que Apolo te preparou.” [17.3] Já face a ele: “Perdoa, senhor, pois a alma está toda lançada na confusão por vergonha e toda a mente totalmente confusa. Agregar-te-ei os eventos da história até amanhã.”

[18.1] Convenço o sacerdote e o simpósio chega ao término, e nós vamos para os nossos aposentos. Com efeito, o sacerdote distribuiu o quarto para Temisteu, meu pai, para minha mãe Diantia e para mim; preparou outrossim três poltronas esplêndidas, nas quais nos deitamos e entregámo-nos ao sono. [18.2] Houve um outro quarto para Sóstenes, Pantia e a sua filha Hismine. E assim, estando à parte uns dos outros, passámos essa noite.

¹¹⁹ Cf. Lyc. 1-2.

Livro 11

[1.1] No dia seguinte, estávamos de novo no altar, coroados quanto às cabeças com louro, e entoámos um péan à liberdade, cantámos epinícios, executámos garantias de salvação, sacrificando hecatombes¹²⁰ inteiras para Apolo. [1.2] O altar detinha uma multidão que não era numerável, tinha os olhos em nós e apontava com os dedos. A história sucedida com Hismine e conosco Hismínias, estava em toda a língua, e Apolo era elogiado porquanto em nosso proveito.

[2.1] Então uma vez mais ocasião do pequeno-almoço, e mais uma vez o sacerdote prepara uma refeição brilhante e, mais uma vez, cuida dispendiosamente de nós. Quando o repasto foi encerrado, o sacerdote que havia preparado a refeição procurava saber, mais uma vez, sobre as nossas aventuras, e pressionando imutavelmente. [2.2] Mas eu, embora estivesse relutante e hesitante, porém, involuntariamente preparado para revelar a história; a minha voz falhava e a língua mantinha-se presa — no entanto, começo, com voz fina:

[3.1] “O meu pai é este Temisteu, e a mãe Diantia, os quais tu recebes com muita hospitalidade; a cidade que é a minha pátria é Eurícome, em que se encontra o altar de Zeus Xenios e o rito das Diásias. E eu, arauto sorteado como efetivo de arauto, e arauto não ao acaso, mas para Aulícome, estou coroadado de louro. [3.2] Chego de modo totalmente extravagante à [cidade] que me calhou em sorteio, porque eu sou arauto com parafernália de arauto de Zeus e das Diásias. Sou recebido aqui por Sóstenes, sou acolhido de modo extravagante e tomado amistosamente com brilhantismo. [3.3] Com efeito, traz-me para o jardim, coloca-me as coisas de uma mesa no meio dele, prepara as coisas da minha cama perto do prado. O pai dela, Sóstenes, instrui a filha Hismine a verter o vinho, ela, obedecendo ao seu pai, verte.

[4.1] A refeição chega ao término, e Hismine lava os meus pés, pés castos com mãos virginais. Deito-me na cama, em castidade, abandonado de modo relaxado aos sonos. [4.2] Levanto-me ao amanhecer, fico no jardim, admiro as fileiras de flores e as outras belezas, conduzo os olhos para a parede à volta do jardim e, depois de algumas pinturas, vejo um trono dourado pintado, um jovem nu no trono, armado, a levar uma tocha, ambos os pés alados, rosto gracioso. [4.3] Isso quanto ao jovem, havendo servido, de forma submissa, suseranos, governantes e tiranos, havia bestas e governantes de bestas, todo o tipo de alados, todo o tipo do mar, e umas certas duas mulheres fantásticas de tamanho superior a mulheres, com as rugas da velhice e idosas. [4.4] Uma era completamente branca, quanto ao rosto, ao cabelo e túnica, mãos e pés e todo o resto do corpo. Já a outra era completamente preta quanto ao aspeto, às mãos, e da cabeça até aos pés e até às suas unhas.

[4.5] Fiquei perturbado com o que vi e pensava que essa pintura estranha era uma invenção da mente e habilidade do artista. Mas acima da cabeça do jovem estavam versos iâmbicos, dizendo

¹²⁰ Vd. a execução de sacrifícios sanguíneos (cf. Porph. *Abst.* 2.20), de pendor aristocrático e onerosos: ἐκατόμβη – ἐκατόν, cem + βούς, “boi” (*Il.* 22.170; *Od.* 1.25, 3.143-146. Cf. *OF* 232 K), de agradecimento ou propiciatórios.

que a pintura era Eros, que sentado no assento, a governar tudo em jeito de suserano. [4.6] Todavia, eu não só injuriei a pintura, mas também, sendo casto, lancei calúnias sobre o próprio Eros.

[5.1] Mas ele aparece-me durante a noite enquanto eu dormia e censura-me pelas coisas durante o dia e, por fim, penetra na minha alma e inscreve-me entre os seus escravos, transformando-me inteiramente de arauto, de virgem num amante. [5.2] E, ao colocar Hismine aqui na minha mão direita, ele voou dos meus olhos, havendo levado consigo os sonos, a castidade e a vara¹²¹ de arauto.

[5.3] E arauto, tornei-me um amante, e casto, não mais virgem. Idolatrava Hismine com olhos, língua e gestos, transformando-a em Eros. [5.4] E assim regresso de Aulícome para Eurícome, totalmente escravizado pela paixão por Hismine. Mas nem mesmo ela conseguia escapar ao fogo, asas, arco de Eros, e à minha língua a quem havia sido ensinada persuasão pelos Eroles.

[6.1] Então, estava apaixonado por Hismine (mas se retribuído, ela própria que diga) e prometemos casamento, um com o outro; desejando eu mesmo roubá-lo (com efeito, diga-se a verdade) não sendo deixado pela rapariga. [6.2] Este Sóstenes, o seu pai, anuncia no meio da refeição e do dispendioso repasto outro casamento da filha, do qual procuramos escapar, e a nau de Cratístenes auxilia com a fuga, como faz a embarcação que tomámos ao termos saído da minha Eurícome. Deparamo-nos com uma brisa favorável e fugimos com alegria.

[7.1] Mas Posídon agita o mar, levanta ondas iguais a montanhas, empenha-se em ter afundado o navio; o timoneiro decreta que uma vítima se sacrificasse. Tirámos a sorte para isso e a sorte estava caída em Hismine. Em conformidade é lançada ao mar e imediatamente restaura a calma ao mar.

[7.2] Por conseguinte, vejo-a ainda viva, como, não sei, por aquela terrível tempestade, por Posídon e servidão amarga, por Apolo e a doçura de liberdade! [7.3] Eu lançava todo o navio em confusão, com os lamentos e afogava-me em lágrimas. Nem o timoneiro nem a tripulação suportando, transferem o casco para a costa e tiraram-me do navio. E eu verti libações de lágrimas para a rapariga naquele cenotáfio que era a costa.

[8.1] E uma trirreme aparece de repente, cheia de bárbaros, homens selvagens que conforme feras, de modo duro, se puseram sobre mim, selvaticamente arrastaram-me pelos cabelos, levam-me para a trirreme e colocam no cabo do remo. [8.2] E após uma refeição bárbara, deixam aquele lugar, atacam uma fortaleza, saqueiam, e enchem o seu navio de despojos. [8.3] Colocam os jovens nos remos, mas os que eram mais velhos colocaram-nos como ocupação para as adagas e atiraram ao mar (pois não era quantidade não considerável de homens que a mão bárbara apreendeu da fortaleza). Quanto às mulheres, tratavam de forma desenfreada; na realidade, não fizeram perto de avanço de modo bárbaro às virgens.

[9.1] E assim chegámos a Artícome, e o bárbaro ofereceu alguma libação bárbara aos de Artícome. Assim, todo o saque de homens foi descarregado. Então, os castos entre nós homens eram

¹²¹ Cf. E. *Hec.* 612.

vendidos por muito, primeiramente, havendo sido testado na fonte de Ártemis, mas nós jovens e mulheres não tínhamos nenhum valor para os de Artícome.

[9.2] E uma vez mais a trirreme transportava-nos, que libertos, saíamos do porto, e éramos transferidos face a outro porto, onde a barbárie, tendo atracado a trirreme com cabos, desembarcou em terra firme e arrastou as mulheres. [9.3] Então, depois de comidas dispendiosas e bebidas que a trirreme trouxe em abundância de Artícome, a barbárie profetizou, divertiu-se ignobilmente às mulheres e entregou-se aos sonos, pervertida com vinho e luxúria.

[9.4] No meio dos sonos e paixões, ou melhor, do dissoluto propósito bárbaro, a expedição de Dafnépole estabelece-se, impõe-se aos bárbaros que dormem, reúne-os, massacra, saqueia e levamos com eles. [9.5] O exército triunfa sobre eles e sobre nós no meio desta cidade e finalmente, pelo oráculo, torna-nos escravos e distribui por sorteio. Eu, mais uma vez estou inscrito como um escravo, e o jugo da servidão convoca-me para esta cidade de Dafnépole.

[10.1] Mas então chego ao tempo presente, ocasião do festival Apolo, a brilhante celebração do festival e da assembleia. A sorte é tirada para o ofício de arauto, e o meu senhor, que ontem me arrancou a coroa da liberdade, é enviado como arauto de Artícome. [10.2] Vem para a cidade atribuída enquanto arauto; eu sigo o meu senhor, conforme escravo. Somos bem recebidos por Sótrato, o pai de Ródope, que ontem tirou a coroa de Hismine.

[10.3] Vejo Hismine como escrava dessa Ródope; finjo ser irmão; ela assume completamente a postura de ser minha irmã, e beijamo-nos, com a própria Ródope a assistir. Se Ródope me ama e usa minha irmã Hismine como intermediária na sua paixão, que diga Hismine.

[10.4] Quanto ao que aconteceu no altar, sabes melhor do que nós, as lágrimas das mães, o apelo lamentável dos pais relativo às coisas em conformidade conosco, o oráculo, a descoberta dos filhos, a coroa da liberdade, a coroação, a descoroação, aquela tua bendita voz, a nossa coroa de liberdade e tudo o mais que aconteceu nesse grande altar da liberdade.”

[11.1] “Obrigado”, diz-me o sacerdote após haver¹²² discursado, e vira os olhos para Hismine, “Donzela — dizendo — Hismine, estou a aprender da sua própria língua as coisas a respeito desse teu noivo; mas tu preencherias o crescente lunar para que toda a narrativa se torne totalmente esclarecida para mim.” [11.2] Ela, face a ele: “Poupa a minha língua, por Apolo Salvador; (de facto) a vergonha inibe a língua de donzela. Com efeito, nunca seria tão ousada a ponto de estremecer o pai e desprezar a mãe. O silêncio e a fala moderada são o adorno de uma donzela.”

[12.1] Então isso a rapariga modestamente, mas o sacerdote, que era bom em todos os aspetos “Filha donzela — afirma —, Apolo concede-te liberdade e junta-se a ti em casamento com esse belo Hismínias. [12.2] Tu não sacrificarás a Apolo mesmo fora do teu drama, para que a história

¹²² Entenda-se “eu haver”.

seja eterna e o milagre não se desvaneça, o qual o grande Apolo faz maravilhas tão estranhamente para ti, oraculizando?”

[12.3] Ela ficava em silêncio e apenas chorava. Sóstenes olhando para ela atentamente, fixando visão feroz com os olhos, “Uma língua silenciosa não — afirma — é a definição de castidade, mas ações apropriadas e comportamentos adequados. [12.4] Tu não tinhas modéstia ao comportares-te tão mal, mas tens vergonha de falar disso. Eu rezaria com muita devoção, ‘Apolo, que ela tivesse vergonha de agir, mais do que falar.’”

Perante isso, pelos deuses, corando e quase havendo fechado os ouvidos; e eu era outro Proteu¹²³, tornando mil cores, não suportando de todo com os sarcasmos do pai. [12.5] O sacerdote, face a ele: “Para, Sóstenes, não faças a rapariga ir-se embora. De facto, a modéstia é filha da reprovação, contudo, a ação não a originou.”. E diante da rapariga afirma: “Não hesites em falar.”

[13.1] Ela, encharcada de suores frequentes e lágrimas e com língua a haver falhado e respiração a cortar a voz, e tendo fixado os olhos de todo no chão: “Este homem contou o que aconteceu — afirma — até ao navio, o mar e a tempestade. [13.2] Quando fui lançada ao mar, um golfinho leva-me nas costas enquanto mergulha nas ondas e a nadar com toda a suavidade. Eu, nadando nua na fera, confusa com as ondas, estonteada diante do mar, e pelo medo da fera, a própria alma estava dilacerada. [13.2] A fera era a salvação, e julgava o servidor hostil; temia o salvador, amava o inimigo e fiquei enredada em torno dele como se fosse salvador. [13.4] Em virtude de o salvador ser uma fera, procurava fugir; mas não tinha coragem com as ondas, e fui varrida pelos pensamentos, ondas e fera.

[14.1] Quando estava prestes a expirar a alma com as ondas, um jovem nu aparece-me (estando outrossim sobre um golfinho), estica a mão para mim e, segurando, leva-me para terra seca; e, sacudindo os pés (pois os pés eram alados), voou dos meus olhos. [14.2] Mas eu, contudo, “Ó mãe — sentada com as ondas —, ó mãe, mãe” — dizia com lágrimas.

Então, depois de alguns dias, não conheci a quantidade com exatidão, vejo um navio a navegar; estendo as minhas mãos para ele, perturbo com a forma, suplico com a voz. [14.3] Os remadores trazem o navio para essa terra; tiram-me de terra seca e colocam no navio. Lamentam a situação, fornecem-me um traje esfarrapado e de modo simpático colocam-me comida, totalmente condoídos com o meu infortúnio.

[15.1] Então, toda a noite a navegar com vento favorável, embora a terra aparecesse pouco, não tínhamos comportamento compulsivo em demasia. Como o sol nascesse, a intumescência aumentava, o vento regressava e a armada rangeu. [15.2] Ademais, o timoneiro procura por terra,

¹²³ Proteu, velho profeta marinho tessálio deus marinho (*Od.* 4.365). Outra tradição aponta Proteu (Cetes) como rei do Egito, filho de Posídon (*Apollod.* 2.5.9). Vd. acolhimento de Helena (*E. Hel.* 46). Segundo *Apollod.* 2.1.5, filho de Egito.

fugindo da tempestade, mas dirigiu-se havendo caído para o fogo¹²⁴, escapando do fumo. Com efeito, de imediato amarra o navio em terra e entrega-nos a homens selvagens.

[15.3] De facto, havia uma trirreme no porto e uma hoste de homens na praia, ferozes quanto aos olhos, enegrecidos quanto às aparências, mãos assassinas, mais como feras selvagens do que homens. Eles apoderam-se de todos nós, massacram os homens impiedosamente, e deliciam-se com a presa. [15.4] Quanto a mim, não sei como colocam no fundo do casco com correntes nos meus pés. [15.5] No dia depois daquele, prepararam a vela, deixando o casco navegar ao vento. E durante aquela noite toda fomos levados suavemente para a frente com o vento calmo: ‘mas quando o sol brilhante brilhou, | vemos terra e uma cidade na terra.’

[16.1] Então, os piratas, a desembarcarem da trirreme e acordado com os cidadãos; descarregam a carga do casco e levam-me também; levam-me a uma fonte em cujas águas me lançam, depois de me colocarem uma grinalda de louro. [16.2] E depois de um tempo, levam de novo e inscrevem-me como escrava de Ródope, com a qual vim a este grande altar de liberdade; foi senhora por causa do mar, sorte e escravidão imposta pela barbárie.”

[17.1] Quando a minha Hismine falou, o jantar chegou ao seu fim, e imediatamente fizemos libações para os sonos que se segue a uma dispendiosa mesa. Quando a noite em lugar nenhum (pois o sol estava sobre a terra) e havíamos completado as nossas libações para os sonos, <e> cada um levantou-se da cama. [17.2] Quando os rituais do festival terminados, deixamos Dafnépole para Artícome, para testar — por assim dizer — Hismine na fonte e com os arcos, como <ouro> no fogo.

[17.3] Chegamos à primavera de Ártemis e toda a cidade de Dafnépole corre connosco. E o <povo> de Artícome vai para a fonte e os arcos. Vê Hismine agrinaldada, importuna Ártemis, tem pena da rapariga, estão em dúvida acerca da virgindade, desconfia da castidade, e tem a examinação.

[17.4] Ficando eu a olhar para o arco, a fonte e a grinalda, tendo os olhos por inteiro, e olhando, chorava e tendo toda a alma assediada por pensamentos. [17.5] A minha Hismine está adornada; a audiência vocifera; é atirada na fonte, a multidão em silêncio e nenhum murmúrio. O arco está quieto, a água está parada e a donzela flutua levemente na superfície. [17.6] A multidão alegre-se, dança de satisfação, aplaude em agrado, grita a salvação e proclama de maneira estentórea¹²⁵ “A rapariga é donzela!” Eu cá extravazo inteiramente a alma de prazer.

[18.1] A virgem é tirada da fonte (com efeito, ninguém duvidará mais sobre o seu estado). A mãe abraça-a, é abençoada com felicidade pelo pai, vai até Ártemis e o epinício coroa: “A donzela é virgem e não há ninguém que duvide acerca da rapariga.” [18.2] E assim viemos de Artícome a

¹²⁴ Máxima.

¹²⁵ Stentor, arauto do conflito troiano, de volumosa voz, χαλκείφωνος (correspondente a mais de 50 homens). Vd. *Il.* 5.785-786; *Juv.* 13.112.

Aulícome, e celebramos os esponsais extravagantemente, no meio do jardim de Sóstenes, naquela mesa e poço em que primeiramente nós havíamos planeado a câmara nupcial erótica.

[19.1] Portanto, toda a cidade de Aulícome estava alegre, havendo cantado hinos, aplaudido, regozijado, dançado diante do portal, diante da câmara nupcial, diante de nós noivos, cantado a ode nupcial, gritado o epitalâmio e glorificado um casamento brilhante. [19.2] Assim então alguém, tendo uma musa doce, voz alta, linguagem em estilo ático¹²⁶ refinado quanto a muitas coisas de maneira impressionante que pode descrever em palavras as núpcias e descrever todos os participantes? [19.3] Aquela era realmente uma câmara dos deuses, o casamento de Hera, quarto nupcial de Afrodite.

Eu alegrava-me por estar de forma tão brilhante e muito honrosa para a procissão da noiva, e ainda mais porque Eros escoltou Hismine para mim de modo dispendioso, sentou de maneira régia e corou comigo magnificamente. [19.4] Mas orei para que as coisas da mesa encontrassem o fim e por Eros, odiei o dia, procurando a noite e havendo mudado um pouco da comédia, sussurrei: “Ó Zeus rei, quão grandes são os assuntos do dia.”¹²⁷

[20.1] Então assim o meu casamento excedeu a grandiloquência de Homero, toda a Musa, toda a língua adornada em jeito retórico. Mas, ó Zeus, arauto de quem vim para esta Aulícome, ó tirano Eros, cujo escravo a partir dessa Aulícome retornava à minha Eurícome, [20.2] ó Posídon, que tomando essa Hismine como um bode expiatório na tempestade, ó grande Apolo, que nos concedeu liberdade, ó arco de Ártemis e fonte que julgou a virgindade, que o abismo de esquecimento não inunde essas nossas aventuras, nem o tempo longo, nem a decadência, nem a taça que derrama o esquecimento¹²⁸ no Hades.

[21.1] Mas, ó Zeus, se admirando o amor fraternal dos Dióscuros¹²⁹ guardas a memória imortal no céu, o nosso amor fraterno superior ao daqueles, tudo relativo à vida com que havemos compartilhado. [21.2] Se hás tido muita pena de Hércules¹³⁰ por aqueles muitos cursos e perambulações immortalizando a sua memória no céu, não seríamos prisioneiros, escravos, vagabundos, e atacariamos a virgindade por completo? [21.3] Mas, oh, traí a vara de arauto, troquei a criança Eros pelo pai

¹²⁶ A propósito do melhor género de eloquência vd. Cic. *de Orat.* 3.37-49, 91-100, 184 e *Orat.* 172, 228, sobre os vários estilos. Cf. Cecílio Calactino, respeitante à distinção entre os estilos asiático e ático (cf. Cic. *Orat.* 7.23). De igual modo, Cic. *De Optimo Genere Oratorum*.

¹²⁷ Cf. *Ar. Nu.* 1-2.

¹²⁸ Cf. água do esquecimento (λήθη. *Hes. Th.* 227), a partir do rio Lete, no Hades.

¹²⁹ Irmãos Castor (filho de Tíndaro e Leda, como Clitemnestra, mortal) e Pólux/Polideuces (imortal, filho de Zeus e Leda, como Helena). Cf. *Od.* 11.298.

¹³⁰ Vd. Hércules, fruto de um relacionamento extraconjugal de Zeus. Considerem-se os tradicionais 12 trabalhos.

Zeus, e Zeus não nos colocará entre as estrelas e não consentirá que a memória seja preservada no céu.

[21.4] Mas tu, ó Posídon, se tens pena de Ícaro¹³¹ e preservas a memória imoral nesse mar ao atribuir ao pélogo o seu nome, não preservarás a memória daquelas aventuras, ao dar o nosso nome ao mar, retratando as nossas aventuras na água e conservando indeléveis até ao fim dos tempos? Sim, de todo. Mas glorificas a derrota e temeste que ao descrever as nossas [aventuras], te expusesses à zombaria.

[22.1] Porém tu, ó mãe Terra, se tiveres pena de Dáfnis em fuga, escondes, salvas e produzes espontaneamente uma planta do mesmo nome para preservar a memória, se guardas Jacinto¹³² imortal através da planta do mesmo nome, [22.2] não preservarás a nossa memória, não nos providenciarás plantas do mesmo nome, placas imperecíveis das coisas sobre essa Hismine e eu, Hismínias, tendo representado e figurado com as plantas tudo o que aconteceu connosco, e tendo mantido a memória imortal para os que depois de nós? [22.3] Mas Posídon, o agitador da terra¹³³, todavia, fazendo tremer a terra, irá desencadear o rugido à maneira de leão contra ti, mãe, e mexerá contigo, a mãe que inscreveu as nossas aventuras e menosprezou a sua derrota devido a Eros. [22.4] Contudo, eu amo a mãe, honro a mãe e fico angustiado pela mãe.

Então, se Zeus não colocar as nossas aventuras entre as estrelas, se Posídon não inscrever nas ondas, se a Terra não incorporar nas plantas e flores, as nossas aventuras porém serão inscritas em tábuas imperecíveis e blocos inflexíveis, com o estilete de Hermes, negro¹³⁴ e com língua que respire fogo retórico, e algum dos nascidos posteriormente retratará isso e forjará em ouro estátuas em palavras, como uma lápide imperecível.

[23.1] O quanto na humanidade é mais amoroso mostrará apreço por todas as graciosas paixões relativas a nós; o quanto é casto e virginal será de novo exaltado pela prudência; [23.2] o quanto é mais simpático¹³⁵ terá pena dos nossos infortúnios, e assim a nossa memória será imortal. [23.3] Agraciaremos a história e adornaremos todo o livro com encantos amorosos e o mais que decora livros e embeleza as palavras. E o título do livro será “As aventuras de Hismine e de mim, Hismínias”.

¹³¹ Ícaro não atendeu às recomendações de seu pai Dédalo no uso das asas de cera (Palaeph. 12, 15). A queda e consequente morte de Ícaro deu nome ao mar Icário (cf. Str. 14.1.19). Da sua morte, o mar Icário (Golfo Icário, Luc. *Astr.* 15). Cf. Apollod. 1.11.3.

¹³² Vd. homoerotismo (Apolo, Zéfiro). Lançamento do disco: Perseu/Acrísio; Óxios/Términos; Apolo/Jacinto. Cf. metamorfose.

¹³³ Epíteto de Posídon. Para outros qualificativos, vd. Corn. 14.

¹³⁴ Entenda-se “tinta”.

¹³⁵ Vd. simpatia, no sentido de “sofrer com” (συμπάθεια).

Referências bibliográficas

- AGAPITOS, P. Der Roman der Komnenenzeit: Stand der Forschung und weitere Perspektiven. In: AGAPITOS, P.; Reinsch, D.-R (eds.). **Der Roman im Byzanz der Komnenenzeit**. Frankfurt/Main, 2000, pp. 1-18.
- AGUIAR e SILVA, V. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1967.
- ALEXIOU, M. A Critical Reappraisal of Eustathios Makrembolites' Hysmine and Hysminias. **Byzantine and Modern Greek Studies**, v. 3, pp. 23-43, 1977.
- ALEXIOU, M. **The Ritual Lament in Greek Tradition**. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2002a.
- ALEXIOU, M. Eros and the "constraints of desire". In: ALEXIOU, M. **After Antiquity: Greek Language, Myth, and Metaphor**. Ithaca: Cornell University Press, pp. 111-126, 2002b.
- ALEXIOU, M.; CAIRNS, D. (eds.). **Greek Laughter and Tears: Antiquity and After**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017.
- BARBER, C. Reading the garden in Byzantium: nature and sexualit. **Byzantine and Modern Greek Studies**, v. 16, pp. 1-19, 1992.
- BEATON, R.. **The Medieval Greek Romance**. London: Routledge, 1996.
- BEAULIEU, M.-C. A. **The Sea as a Two-Way Passage between Life and Death in Greek Mythology**. Dissertation for the Degree of Doctor of Philosophy – Faculty of the Graduate School, The University of Texas at Austin. 2008.
- BECK, H.-G.; CONCA, F.; CUPANE, C. (eds.). **Il romanzo tra cultura latina e cultura bizantina**. Palermo: Enchiridion, 1986.
- BURTON, J. B. Reviving the Pagan Greek Novel in a Christian World. **Greek, Roman and Byzantine Studies**, v. 39, pp. 179-216, 1998.
- BURTON, J. B. Byzantine Readers. In: WHITMARSH, T. (ed.). **The Cambridge Companion to the Greek and Roman Novel**. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 272-281, 2008.
- CATALDI-PALAU, A. La tradition manuscrite d'Eustathe Makrembolitès. **Revue d'histoire des textes**, v. 10, p. 75-113, 1980. <https://doi.org/10.3406/rht.1982.1216>
- CHATTERJEE, P. Viewing and Description in 'Hysmine and Hysminias': The Fresco of the Virtues. **Dumbarton Oaks Papers**, v. 67, pp. 209-225, 2013.
- CHATTERJEE, P. Between the Pagan Past and Christian Present. In: **Byzantine Visual Culture Statues in Constantinople, 4th-13th Centuries CE**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022, p. 127-167.
- COOK, A. Nomen Omen. **The Classical Review**, n. 21, pp. 169, 1907.
- CUPANE, C. Ἔρως βασιλεύς. La figura di Eros nel romanzo bizantino d'amore. **Atti della Reale Accademia di Scienze, Lettere e Arti di Palermo**, v.33, n. 2, pp. 243-297, 1974.
- CUPANE, C.; KRÖNUNG, B. (eds.). **Fictional Storytelling in the Medieval Eastern Mediterranean and Beyond**. Leiden/Boston: Brill, 2016.
- DAWE, R. D. Some erotic suggestions. Notes on Achilles Tatius, Eustathius Macrembolites, Xenophon of Ephesus, Charito. **Philologus**. v. 145, pp. 291-311, 2001.
- FUTRE PINHEIRO, M.; HARRISON, S. (eds.). **Fictional Traces: Receptions of the Ancient Novel**, 2 vols. Groningen: Barkhuis Publishing & Groningen University Library, 2011.
- FUTRE PINHEIRO, M.; BIERL, A.; BECK, R. (eds.). **Intende Lector: Echoes of Myth, Religion and Ritual in the Ancient Novel**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2013.
- GARLAND, L. 'Be amorous but be chaste ...' Sexual morality in Byzantine learned and vernacular

- romances. **Byzantine and Modern Greek Studies**, v. 14, pp. 62-122, 1990.
- GARLAND, L. **Byzantine Women: Varieties of Experience 800-1200**. London: Ashgate Publishing, Ltd., 2006.
- GARLAND, L. (ed.). **Byzantine Women: Varieties of Experience 800-1200**. London: Routledge, 2016.
- GOLDHILL, S. **Foucault's Virginity: Ancient Erotic Fiction and the History of Sexuality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- GOLDWYN, A. Rape, Consent, and Ecofeminist Narratology in the Komnenian Novels. In: GOLDWYN, A. **Byzantine Ecocriticism: Women, Nature, and Power in the Medieval Greek Romance**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018, pp. 85-146.
- GOLDWYN, A.; NILSSON, I. (eds.). **Reading the Late Byzantine Romance: A Handbook**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- GROSDIDIER DE MATONS, J. Note sur le sens médiéval du mot κλίνη. **Travaux et Mémoires**, v. 7, pp. 363-373, 1979.
- HÄGG, T. **Narrative Technique in Ancient Greek Romances: Studies of Chariton Xenophon of Ephesus and Achilles Tatius**. Stockholm: Svenska institutet i Athen, 1971.
- HARRIS, W. **Dreams and experience in classical antiquity**. Cambridge/London: Harvard University Press, 2009.
- HILBERG, I. **Eustathii Macrembolitae Protonobilissimi De Hysmines et Hysminiae amoribus libri XI**. Vindobonae: sumptibus Alfredi Hoelderi, 1876.
- HUET, P.-D. **Traité de l'Origine des romans**. Paris: Chez N. I. M. Dressarts, 1670.
- HUNGER, H. **Die byzantinische Literatur der Komnenenzeit, Versuch einer Neubewertung: Versuch einer Neubewertung**. Wein: Österreichische Akademie der Wissenschaften, Kommissionsverlag Böhlau, 1968.
- HUNGER, H. Die Makremboliten auf byzantinischen Bleisiegeln und in sonstigen Belegen. **Studies in Byzantine Sigillography**, v. 5, pp. 1-28, 1998.
- JAMES, L. (ed.). **Desire and Denial in Byzantium: Papers from the Thirty-First Spring Symposium of Byzantine Studies, University of Sussex, Brighton, March 1997**. Aldershot: Routledge, 1999.
- JEFFREYS, E. The Labours of the Twelve Months in twelfth-century Byzantium. In: STAFFORD, E.; HERRIN, J. (eds.). **Personification in the Greek World: from antiquity to Byzantium**. Aldershot: Ashgate, pp. 309-324, 2005.
- JEFFREYS, E. The novels of mid-twelfth-century Constantinople: the literary and social context. In: SEVCENKO, Ihor; HUTTER, Irmgard (eds.). **ΑΕΤΟΣ. Studies in Honor of Cyril Mango**. Stuttgart: B.G. Teubner, p. 191-199, 1998.
- JENSEN, M. **The Homeric Question and the Oral-formulaic Theory**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 1980.
- JOUANNO, C. Sur un Topos romanesque oublié: les scènes de banquets. **Revue des Études Grecques**, v. 109, n. 1, pp. 157-184, 1996.
- JOUANNO, C. Les jeunes filles dans le roman byzantin du XIIe siècle. **MOM Éditions**. v. 29, pp. 329-346, 2001.
- JOUANNO, C. A Byzantine novelist staging the ancient Greek world: presence, form and functions of antiquity in Macrembolites' 'Hysmine and Hysminias'. In: KAKLAMANIS, S.; PASCHALIS, M. (eds.). **Η πρόσληψη της αρχαιότητας στο βυζαντινό και νεοελληνικό μυθιστόρημα**. Athens: Stigmi, pp. 15-29, 2005.
- JOUANNO, C. Du roman grec au roman byzantin: réflexions sur le rôle de la tyché. **Actes du**

- colloque de Tours, 22-24 octobre 2009. **MOM Éditions**, v. 48, p. 287-304, 2012.
- KALDELLIS, A. **Byzantine Hellenism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- KAZHDAN, A. The concept of freedom (eleutheria) and slavery (duleia) in Byzantium. In: MAKDISI, G. (ed.). **La notion de liberté au Moyen Age: Islam, Byzance, Occident**. Paris: Belles Lettres, pp. 215-26, 1985.
- KAZHDAN, A. Makrembolites. **The Oxford Dictionary of Byzantium**. Oxford/New York: Oxford University Press, 1991 pp. 1272-1273.
- KINLOCH, M. In the Name of the Father, the Husband, or Some Other Man: The Subordination of Female Characters in Byzantine Historiography. **Dumbarton Oaks Papers**, v. 74, p. 303-328, 2020.
- LABARTHE-POSTEL, J. Hommes et dieux dans les ekphraseis des romans byzantins du temps des Comnène. **MOM Éditions**, v. 29, pp. 347-371, 2001.
- LAUXTERMANN, M. D. Songs of Love and Marriage. **Byzantine Poetry from Pisides to Geometres: Texts and Contexts**, Vol. 2. Vienna: Austrian Academy of Sciences Press, pp. 101-118, 2019.
- LE BAS, Eumathii philosophi De Hysmines et Hysminias amoribus fabula. In: HIRSCHIG, W. A. **Erotici Scriptores**. Paris: Nicetas Eugenianus, pp. 523-597, 1856.
- MACALISTER, S. Aristotle on the Dream: a Twelfth-Century Romance Revival. **Byzantium**, v. 60, pp. 195-212, 1990.
- MACALISTER, S. **Dreams and Suicides: The Greek Novel from Antiquity to the Byzantine Empire**. London/New York: Routledge, 2013.
- MAGDALINO, P. Eros the King and the King of 'Amours': Some Observations on 'Hysmine and Hysminias'. **Dumbarton Oaks Papers**, v. 46, pp. 197-204, 1992.
- MAGUIRE, H. The profane aesthetic in Byzantine art and literature. **Dumbarton Oaks Papers**, v. 53, pp. 189-205, 1999.
- MANGO, C., 'Byzantine literature as a distorting mirror'. **Inaugural lecture delivered before the University of Oxford on 21 May 1974**. In: **Byzantium and its image: history and culture of the Byzantine Empire and its heritage**. London: Variorum Reprints, 1984, pp. 3-18.
- MARCOVICH, M. **Macrembolites Eustathius. De Hysmines et Hysminias amoribus libri XI**. Munchen/Leipzig: Saur, 2001.
- MEUNIER, F. Les romans de l'époque comnène: des réminiscences bibliques? **Revue des Études Byzantines**, v. 69, pp. 205-217, 2011.
- MEUNIER, F. Polythéisme et christianisme dans le roman byzantin du XIIe siècle. **Actes du colloque de Tours, 22-24 octobre 2009, MOM Éditions**, v. 48, p. 305-326, 2012.
- MICHELAKIS, P. **Achilles in Greek Tragedy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- NAGY, G. **Homeric Questions**. Austin: University of Texas Press, 1996.
- NILSSON, I. (org.). Erotic Pathos, Rhetorical Pleasure: Narrative Technique and Mimesis in Eumathios Makrembolites' Hysmine & Hysminias. **ACTA Universitatis Upsaliensis**. Vol. 7. Uppsala University, 2001.
- NILSSON, I. In Response to Charming Passions: Erotic Readings of a Byzantine Novel. In: CULLHED, Anders; FRANZÉN, Carin; HALLENGREN, Anders (eds.). **Pangs of Love and Longing: Configurations of Desire in Premodern Literature**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2013, pp. 176-202.
- NILSSON, I. Static Imitation or Creative Transformation? Achilles Tatius in Hysmine & Hysminias. In: PANAYOTAKIS, Stelios; ZIMMERMAN, Maaïke; KEULEN, Wytse (eds.). **The**

- Ancient Novel and Beyond.** Leiden/Boston: Brill, pp. 371–380, 2017a.
- NILSSON, I.; ZAGKLAS, N. ‘Hurry up, reap every flower of the logoi!’ The Use of Greek Novels in Byzantium. **Greek, Roman and Byzantine Studies**, v. 57, n. 4, pp. 1120–1148, 2017b.
- OSANN, F. G. (ed.). **Auctarium lexicorum Græcorum, præsertim Thesauri linguæ Græcæ ab H. Stephano conditi**, Vol. I. Darmstadt: Apud Carolum Guilelmum Leske, 1824.
- OSANN, F. G. (ed.). **Prolegomena ad Eustathii Macrembolitæ de Amoribus Hysminiaë et Hysmines drama ab se edendum.** Gissæ, 1855.
- PICARD, C. Sur les Diáusias d'Athènes. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, v. 87 n. 1, pp. 158–175, 1943.
- ROILOS, P. **Amphoteroglossia: A Poetics of the Twelfth-Century Medieval Greek Novel.** Cambridge: Harvard University Press, 2005.
- SCHMIDT, S. Fictionality in Literary and Non-Literary Discourse. **Poetics: Journal of Empirical Research on Culture, the Media and the Arts**, v. 9, n. 5–6, pp. 525–546, 1980.
- SCHMIDT S. Conventions and literary systems», in Rules and Conventions. In: HJORT, M. (ed.). **Rules and conventions: Literature, philosophy, social theory.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, pp. 215–249, 1992.
- SELDEN, D. Genre of Genre. In: TATUM, James (ed.). **The Search for the Ancient Novel.** Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, pp. 39–64, 1994.
- SHAWCROSS, T.; TOTH, I. (Orgs.). **Reading in the Byzantine Empire and Beyond.** Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- SMYTHE, D. C. **Strangers to Themselves: The Byzantine Outsider: Papers from the Thirty-Second Spring Symposium of Byzantine Studies**, University of Sussex, Brighton, March 1998. London: Routledge, 2016.
- TROCA PEREIRA, R. M. **Da História da Destruição de Tróia – Dares Frígio.** Mem-Martins: Europa-América, 2009a.
- TROCA PEREIRA, R. M. Furtum Mortale. **Praesentia. Revista Venezuelana de Estudios Clásicos**, v. 10, 2009b.
- TROCA PEREIRA, R. M. **Agamemnon(es): Entre o Mito e a Literatura.** Tese de Doutorado (Estudos Clássicos, especialidade Literatura Grega) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2013a.
- TROCA PEREIRA, R. M. **Ditadura de Eros. Assim como no Princípio, Agora e Sempre ... Mi(s)tos de cruor: reflexão diacrónica.** Trabalho de Pós-Doutorado (Estudos Clássicos, área de especialização em Estudos Clássicos, Medievais e Renascentistas) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2013b.
- TROCA PEREIRA, R. M. **Díctis Cretense, Efeméride da Guerra de Tróia.** Introdução, Notas, Tradução do Latim, Índices e Bibliografia, Lisboa: Edições 70, 2016.
- UREÑA PRIETO, M. H. Relendo Homero... **HVMANITAS**, v. 46, pp. 3–16, 1994.
- VAN HOOFF, A. **From Autothanasia to Suicide.** London: Routledge, 1990.
- VILATTE, S. Apollon-le-dauphin et Poseidon l'Ébranleur: structure familiale et souveraineté chez les Olympiens: à propos du sanctuaire de Delphes. In: MACTOUX, M.-M.; GENY, E. (eds.). **Mélanges Pierre Levêque, Vol. 1: Religion.** Besançon: Université de Franche-Comté, 1988, pp. 307–330.

